



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

BRAGA

Relatório de Estágio

Apresentado à Universidade Católica
Portuguesa para obtenção do grau de mestre em
Psicologia Clínica e da Saúde

**Carolina Inês Adães de Sá Gomes de
Oliveira**

Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais

NOVEMBRO 2020



CATÓLICA

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

BRAGA

Relatório de Estágio

Local de Estágio: Centro Juvenil de São José –
Casa de Acolhimento

Relatório de estágio apresentado à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em Psicologia
Clínica e da Saúde

**Carolina Inês Adães de Sá Gomes de
Oliveira**

Sob a Orientação da Prof.^a Doutora **Fabrizia Raguso**

Agradecimentos

O estágio curricular foi um momento de aprendizagem intensiva marcado por vários receios, ansiedade e stress. No entanto, é nas adversidades que crescemos, e não poderia tê-lo feito sem agradecer a todos aqueles que me ajudaram a superar estas.

Primeiramente, agradeço à minha mãe que sempre me apoiou e nunca me deixou vacilar, mesmo nos momentos mais difíceis, ensinando-me o verdadeiro significado de resiliência e perseverança.

Agradeço também ao meu querido pai que sempre lutou para que chegasse onde cheguei e sempre me apoiou com muita paciência. Ao meu irmão por estar sempre lá para mim. Aos meus avós que sempre me apoiaram e motivaram. Um especial agradecimento à minha avó, o exemplo de serenidade, respeito, bondade e amor. À minha tia Rosa pelo seu apoio e carinho incondicional.

Em geral, estou profundamente grata à minha família e amigos por me apoiarem e se mostrarem interessados pelo meu percurso académico, assim como pelo meu bem-estar.

Agradeço à minha orientadora, Professora Fabrizia Raguso, com quem tive a oportunidade única de trabalhar. Considero a Professora uma peça fundamental para a minha evolução enquanto profissional e como pessoa, e como tal, estou-lhe eternamente grata. Graças à orientação da Professora tive acesso a diferentes aprendizagens, perspetivas e modelos que pude discutir e explorar. Para além disso, agradeço a compreensão, paciência, exigência e disponibilidade que a Professora teve comigo e por me ter incentivado a ter pensamento crítico. A Professora Fabrizia Raguso foi, sem dúvida, uma peça fulcral para a concretização deste trabalho.

Ao falar de evolução, não poderei deixar de referir a Professora Ângela Azevedo e a Professora Berta Maia a quem agradeço pelo seu profissionalismo e dedicação, pois considero terem sido duas das três figuras importantes do meu percurso académico.

Agradeço, também, ao Centro Juvenil de São José por me terem recebido e por me terem proporcionado momentos únicos e aprendizagens inesquecíveis. Aos seus colaboradores, em especial aos Educadores, um grande obrigado pelo apoio demonstrado e disponibilidade. Aos Jovens estou eternamente grata por me terem recebido tão bem e por me terem permitido aprender e crescer com eles, pois sem eles este percurso teria sido impossível. Fico eternamente

grata pela confiança que os Jovens depositaram em mim e o quanto contribuíram para o meu desenvolvimento, pois sem eles o estágio não teria tido o mesmo significado. Aproveito também para agradecer aos meus colegas estagiários que foram um apoio essencial e significativo.

Por fim, dedico a finalização do meu percurso acadêmico ao meu avô, Joaquim Sá, que faleceu no dia 13 de Novembro de 2020. Uma peça importante na minha vida pessoal e académica. Um exemplo de um verdadeiro Senhor, que até aos seus dias finais permaneceu elegante e demonstrou a importância de ser eloquente, algo que anseio um dia vir a ser. Concluo esta parte a homenagear o meu querido avô, colocando a questão que o mesmo me colocou para reflexão quando falávamos da minha formação em Psicologia:

“Que profissão teria Deus?”

Resumo

O presente relatório de estágio diz respeito ao estágio realizado no âmbito do mestrado de Psicologia Clínica e da Saúde. O estágio foi desenvolvido em Guimarães no Centro Juvenil de São José, em duas respostas sociais, uma delas o Centro de Apoio Familiar e Acompanhamento Parental e, com maior incidência, a Casa de Acolhimento. Como forma de complementar o percurso académico e enriquecer as aprendizagens, também se atuou no FACes, um centro de atendimento psicológico e formação especializada, inserido na Universidade Católica Portuguesa em Braga. A Casa de Acolhimento acolhe crianças e jovens em situação de risco e tem como objetivo principal garantir os cuidados adequados às necessidades destes, proporcionando condições que permitam a sua educação, bem-estar e desenvolvimento integral. Este relatório tem como objetivo descrever as atividades realizadas ao longo do estágio e aquelas que, embora planeadas para responder às necessidades reconhecidas junto da estrutura e da sua população alvo, todavia não foi possível realizar, devido a constrangimentos relacionados com a situação pandémica atual no País. Todas as atividades foram realizadas entre outubro de 2019 e junho de 2020. A maioria delas foram dirigidas aos Jovens inseridos na Casa de Acolhimento. O presente relatório de estágio engloba a descrição das atividades realizadas ao longo deste percurso, bem como a fundamentação teórica e as reflexões pessoais. Num primeiro momento estão descritas a caracterização da instituição e o levantamento de necessidades. De seguida, encontram-se as propostas de intervenção, as atividades realizadas e as respetivas reflexões pessoais. Este relatório termina com uma conclusão que se traduz numa reflexão integrativa deste percurso académico.

Palavras-chave: Psicologia; Centro Juvenil de São José; Família; Jovens acolhidos; Estágio; Modelo relacional/sistémico.

Abstract

This internship report refers to the internship carried out within the scope of the Master's Degree in Clinical and Health Psychology. The internship was developed in Guimarães at the Saint José's Youth Center (CJSJ), in two social responses, one of them the Center of Familiar's Support and Parental's Advisor and, with greater incidence, the Home's Shelter (CA). To complement the academic path and enrich the learning, we also worked at FACes, a Center of psychological intervention and specialized formation, inserted in the Portuguese Catholic University in Braga. The CA receives children and young people at risk and has as its main goal to ensure adequate care to their needs, providing conditions that allow their education, welfare and full development. This report aims to describe the activities carried out throughout the internship and those that were not possible due to constraints related to the current pandemic situation in the country, which took place between October 2019 and June 2020. Most of the activities were directed to the Young People who were received at the CA. This internship report includes a description of the activities carried out along this journey, as well as the theoretical background and personal reflections. In a first moment, are described the characteristics of the institution and the needs assessment. Afterwards there are the proposals for intervention, the activities carried out and the respective personal reflections. This report ends with a conclusion that translates itself into an integrative reflection of this academic path.

Keywords: Psychology; Family; Saint José's Youth Center; Young people in residential care; Internship; Relational/systemic Model.

Índice

Introdução	8
Caracterização do Contexto de Estágio.....	8
Papel do Psicólogo na Casa de Acolhimento do CJSJ	10
Levantamento de Necessidades.....	11
Análise <i>SWOT</i>	11
Identificação das Necessidades	13
Atividades Desenvolvidas.....	13
Observação	14
Reflexão pessoal.....	14
Intervenção Individual	16
Apresentação de caso.	16
Formulação de hipóteses de trabalho.	17
Reflexão pessoal.....	19
Intervenção em Grupo.....	21
Fundamentação teórica.	22
Estrutura do Programa de intervenção em grupo.....	24
Plano das sessões.....	25
“ <i>A História de Raúl</i> ” – síntese.....	25
Cronograma das sessões.	26
Reflexão pessoal.....	29
Ação de Formação	30
Fundamentação teórica.	30
Plano da ação de formação.	31
Reflexão pessoal.....	32
Atividades Extra	32
Seminário “Família em Foco” – CAFAP.	32

Ceia de Natal, inauguração das novas instalações do CAFAP e abertura dos novos quartos remodelados.	33
Acompanhamento na aquisição de vestuário.	33
Programa de desenvolvimento pessoal e social (DPS).....	34
Reuniões.	35
Conclusão.....	35
Referências Bibliográficas	39
Anexos	42

Lista de abreviaturas

CA – Casa de Acolhimento

CAFAF – Centro de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental

CJSJ – Centro Juvenil de São José

CRAV - Creche Rosas Amorim Vieira

DPS – Programa de Desenvolvimento Pessoal e Social

FACes – Centro de Atendimento Psicológico e Formação Especializada – UCP Braga

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

LIJ – Lar de Infância e Juventude

Introdução

Este relatório de estágio destina-se a descrever as atividades que foram e que seriam efetuadas no âmbito do segundo ano do mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, no ano letivo de 2019/2020. Este estágio foi desempenhado na Casa de Acolhimento (CA) do Centro Juvenil de São José (CJSJ), com o objetivo de pôr em prática os conhecimentos adquiridos e intervir em populações com diferentes problemáticas. O psicólogo, juntamente com a equipa técnica e educativa, ajudam à acomodação das Crianças e Jovens na CA, auxiliando-as para uma mudança positiva de comportamentos e estilo de vida, e assegurando as condições necessárias para um desenvolvimento normativo. As atividades implementadas no âmbito do estágio têm como finalidade a aquisição de competências de avaliação e intervenção psicológica a nível clínico para consolidar e desenvolver competências profissionais adequadas e autónomas. Como tal, as atividades projetadas no estágio abrangem intervenções individuais, intervenções em grupo e a uma ação de formação. De modo a complementar o percurso académico e adquirir mais conhecimentos, também participamos na observação de uma intervenção individual realizada no FACes, o centro de atendimento da Universidade Católica Portuguesa em Braga. Com isto, de forma a conhecer o método e a estrutura das atividades a serem implementadas, este relatório inicia-se pela caracterização do CJSJ e pela reflexão acerca do papel do psicólogo no contexto da CA. De seguida, segue-se um levantamento de necessidades e carências da instituição e dos Jovens, refletindo no final de cada atividade e concluindo com uma reflexão pessoal final acerca do percurso ao longo do estágio.

Caracterização do Contexto de Estágio

O CJSJ, originalmente denominado por Oficinas de S. José, é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), sediada em Guimarães no Convento das Capuchinhas, desde 1915, fundada por D. Domingos da Silva Gonçalves. Esta Instituição inicialmente dedicou-se ao acolhimento e inserção social de crianças e jovens que se encontrassem sem apoio familiar ou em risco de exclusão social. Um Projeto que se debruçava em educar estes rapazes num regime de internato, a fim de que a sua dignidade não fosse posta em causa. Para dar resposta a esta missão, foi criado o Lar de Infância e Juventude (LIJ), atualmente denominado por Casa de Acolhimento (CA) do CJSJ. Atualmente, o CJSJ apresenta três respostas sociais: a CA, a Creche, e um Centro de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental (CAFAP).

A CA é uma resposta social do CJSJ que acolhe crianças e jovens em situação de risco/perigo. A identidade de Comissão e Proteção de Crianças e Jovens segue a Lei de Proteção de

Crianças e Jovens em Perigo onde, posteriormente, o Centro Distrital de Segurança Social gere as vagas existentes nas Casas de Acolhimento (Lei nº332-B/2000, 30 de Dezembro). Neste caso, o Centro Distrital de Segurança Social de Braga gere as vagas existentes nas Casa de Acolhimento no distrito de Braga e encaminha os jovens/crianças para estas. A aplicação desta intervenção dá-se quando o representante legal/cuidador põe em perigo a saúde, formação, educação ou desenvolvimento, ou quando esse perigo resulta da ação ou omissão de terceiros ou da própria criança/jovem a que aqueles não se oponham de modo adequado a removê-lo (Lei nº147/99, 1 de Setembro, artigo 3º, alínea 1). A CA do CJSJ tem a capacidade de acolhimento residencial de 40 crianças e jovens com idades compreendidas entre os 6 e os 18 anos, em situação de risco (CJSJ, 2018). Contudo a lei foi recentemente alterada, pelo que a intervenção até então iniciada pode prolongar-se para além da maioridade do Jovem, até aos 25 anos, com a condição de este estar inserido em processos educativos ou formação profissional (Lei nº 26/2018, de 5 de Julho, artigo 60º, alínea 3). Durante o presente estágio que ocorreu no período de 2019/2020, a CA acolhia 10 rapazes, que no decorrer deste diminuiu para um total de 8 rapazes com idades compreendidas entre os 14 e os 19 anos, devido a transferências de residência de dois Jovens. Esta resposta social visa potenciar todas as capacidades e os Projetos de Vida individuais das Crianças e Jovens, através do apoio da equipa para garantir os cuidados adequados às necessidades destas através da garantia de condições que permitam a educação, saúde, bem-estar e desenvolvimento integral (CJSJ, 2018). Esta equipa é constituída pelo Diretor Executivo, Diretor Técnico, a Equipa Técnica, a Equipa Educativa, a Equipa de Apoio, os Estágios Curriculares e Profissionais, e os Voluntários. O Diretor Executivo assume, entre outras, a coordenação de todas as respostas sociais, em articulação com os Diretores Técnicos das mesmas.

A CA tem como missão intervir para reintegrar, com foco nas necessidades da Criança/Jovem priorizando a socialização, realização e afirmação pessoal de cada indivíduo, realizado num esforço colaborativo e transdisciplinar da intervenção (CJSJ, 2016). Estas áreas de intervenção abrangem as atividades diárias, o lazer, atividades desportivas, o apoio ao estudo, acompanhamento escolar, a saúde, o voluntariado, as atividades formativas e lúdicas, e a interação familiar. Os melhores interesses das Crianças e Jovens são privilegiados na CA. Trata-se de uma resposta social destinada ao acolhimento urgente e temporário de Crianças e Jovens em risco, com base na aplicação da medida de promoção e proteção. (CJSJ, 2018).

Devido ao aumento das necessidades da comunidade, uma outra resposta social surge, a creche. A Creche Rosas Amorim Vieira (CRAV) visa contribuir para a conciliação da vida familiar e profissional da freguesia. Esta destina-se a crianças com idades compreendidas entre os 4 meses e os 36 meses de idade e apresenta uma capacidade de 33 vagas, dispondo de vários serviços (CJSJ, s.d.).

Por fim, o CAFAP destina-se ao apoio especializado de famílias com crianças e jovens. Esta resposta social visa a prevenção e intervenção remediativa de situações de risco psicossocial através do desenvolvimento de competências parentais, pessoais e sociais das famílias. Esta valência tem capacidade para acompanhar um total de 80 famílias com menores em risco psicossocial. O objetivo geral assenta em melhorar a qualidade das relações familiares através da promoção de uma parentalidade positiva, atenuando os fatores de risco e perigo. Também intervém na comunidade, para melhorar a capacidade desta de criar condições e/ou reaproveitar recursos que estimulem as crianças e jovens. Além de promover a melhoria das competências profissionais da população técnica para que seja possível desenvolver respostas eficazes às necessidades das famílias com crianças e jovens em situação de risco psicossocial. (CJSJ, s.d.).

Além das valências sociais, o CJSJ apresenta duas valências secundárias: a Tipografia e o Hostel/Alojamento Local. Por via de responder às necessidades da comunidade, o Hostel do CJSJ foi adaptado para acolher estudantes universitários, através de um acordo estabelecido entre o CJSJ e a Universidade do Minho. Paralelamente, através de um Protocolo celebrado em 2016, com o Município de Guimarães – “Guimarães Acolhe”, o CJSJ passou a acolher, temporariamente, 6 refugiados, correspondendo ao “apelo do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) e do governo português para prover o acolhimento de pessoas com necessidade de proteção internacional” (Município de Guimarães, s.d.).

Papel do Psicólogo na Casa de Acolhimento do CJSJ

O Psicólogo na CA do CJSJ tem como funções a recolha de dados anamnésicos para uma reconstrução da história de vida de cada Jovem, realizar observação/avaliação psicológica e eventuais propostas de sinalização e, se necessário, o encaminhamento para exames complementares e recursos especializados. O mesmo é responsável por supervisionar o Setor da Saúde, pelo que na impossibilidade de a Equipa Educativa poder acompanhar os Jovens a consultas médicas, o Psicólogo deverá fazê-lo. Este também articula com as Equipas de Saúde

Mental que acompanham os Jovens no sentido de construir estratégias de trabalho conjuntas, e elabora ou solicita relatórios psicológicos sempre que seja necessário. O Psicólogo contribui para a boa comunicação da instituição e a relação do Jovem com esta, através da articulação com as Equipas, a Técnica, a Educativa e a de Apoio, para a apresentação e reflexão sobre a dinâmica psicológica de cada Jovem. Além disto, o Psicólogo apoia as famílias na identificação das suas dificuldades afetivo-emocionais e de comunicação através da promoção de dinâmicas terapêuticas para a resolução de problemas que afetem mais diretamente os Jovens em questão. O Psicólogo realiza um acompanhamento aos Jovens, proporcionando todo o apoio necessário para a promoção de um desenvolvimento integral dos mesmos.

Além do Setor de Saúde, o psicólogo também se encontra responsável pelos Setores de Atividades, Escola e Projetos. Pelo que as reuniões escolares contam com a participação deste para que haja a possibilidade de delinear estratégias conjuntas que favoreçam a integração social e profissional do Jovem. Com isto, o Psicólogo também está encarregue da elaboração de relatórios pedagógicos. Em termos mais institucionais, o Psicólogo deverá apoiar a Equipa Educativa sempre que for necessário e deverá acompanhar, avaliar e enquadrar os voluntários e respetivas atribuições (CJSJ, 2016).

Levantamento de Necessidades

O levantamento de necessidades iniciou-se através de encontros e trocas de experiências formais e informais com os colaboradores da instituição e com os Jovens da mesma, durante a observação e através da leitura dos processos dos mesmos. A observação do funcionamento da CA do CJSJ e a aplicação de guiões de entrevista (Anexos A, B, C, D) permitiu a recolha de informação necessária para a avaliação das necessidades e carências da instituição, mais particularmente da CA, que se apresentará no próximo ponto.

Análise *SWOT*

Para a avaliação da informação recolhida para o levantamento de necessidades utilizamos a metodologia de análise *SWOT*, como se pode verificar na Tabela 1.

Tabela 1.

Análise SWOT

Forças (Strengths)	Fraquezas (Weaknesses)	Oportunidades (Opurtunities)	Ameaças (Threats)
<ul style="list-style-type: none"> ○ Esforço colaborativo de todos os colaboradores para o bom funcionamento da instituição ○ Comunidade e intervenção diversificada, devido às várias valências e respostas sociais, o que promove a solidariedade e a interação com outras culturas, faixas etárias... ○ A existência de valências secundárias que ajudam na sustentabilidade da instituição ○ Relação de proximidade entre os Jovens e os colaboradores ○ Grupo heterogéneo de trabalhadores ○ Colaboradores com formação em Psicologia e especializados em várias áreas da mesma (Diretor Técnico da CA e Diretor Executivo) 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Falta de colaboradores com habilitações académicas suficientes em algumas áreas de intervenção, falta de formação dos colaboradores ○ Falta de recursos humanos ○ Comunicação e relacionamentos precários/ conflituosos na Equipa Educativa ○ Desorganização nas funções de cada colaborador ○ Conselho de administração antiquado por consequência da legislação, o que limita a intervenção diversificada 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Melhoramento da estrutura da instituição, uma vez que se trata de uma casa antiga ○ Mais atividades na sala de jogos ○ Fomentar o desenvolvimento de competências pessoais e sociais nos Jovens ○ Melhorar a comunicação ○ Reformulação e adaptação de ferramentas e metodologias de intervenção para as realidades de hoje ○ Atividades ao ar livre ○ Intervenção centrada na família 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Número reduzido de Jovens, o que põe em causa a sustentabilidade do estabelecimento ○ Resistência à mudança ○ Legislação reguladora das Casas de Acolhimento está antiquada no que diz respeito à visão e modelos de intervenção com as Crianças e Jovens ○ Pouca disponibilidade do Conselho de Administração do CJSJ para com os colaboradores

Identificação das Necessidades

Através da análise *SWOT* detetamos algumas necessidades e carências que serão alvo da nossa intervenção ao longo do estágio.

Algumas das fragilidades mencionadas foi a legislação reguladora das Casas de Acolhimento estar antiquada quanto à visão e modelos de intervenção com as Crianças e Jovens e a falta de disponibilidade do Conselho de Administração do CJSJ. Estas fraquezas limitam a ação dos seus colaboradores, no entanto, não elimina o esforço colaborativo dos mesmos para o bom funcionamento da CA. Até porque, um dos pontos fortes é a existência de colaboradores em cargos superiores com formação em Psicologia e Gestão (Diretor Executivo do CJSJ) e especializados para a intervenção com a população alvo da resposta social (Diretor Técnico da Casa de Acolhimento). A comunidade diversificada da instituição, com as várias valências, respostas sociais e o grupo heterógeno de trabalhadores promovem a solidariedade e a interação com diferentes culturas e faixas etárias.

Todavia, entre as fragilidades/necessidades relevamos uma certa desorganização, devido à pontual falta de recursos humanos que foi colmatada. Além disso, verificaram-se ainda dificuldades de comunicação na Equipa Educativa, falta de formação e habilitações académicas insuficientes em algumas áreas de intervenção. Apesar de que num total de oito, quatro destes colaboradores têm formação superior. Esta situação surge como uma oportunidade para se trabalhar a comunicação, reformulando as ferramentas e metodologias de intervenção.

Contudo e apesar de, por vezes, surgirem conflitos entre os Jovens e os colaboradores, existe uma relação de proximidade entre os mesmos. Constatam-se oportunidades de desenvolvimento de competências pessoais e sociais nos Jovens, através da realização de atividades ao ar livre, de modo a serem menos ansiogénicas e de intervenções centradas na família. A família é o tema central no discurso dos Jovens da CA e que mais discussões despoleta. A importância desta questão é reconhecida pelos colaboradores, daí ser relevante uma intervenção com foco na reflexão sobre a história familiar e pessoal.

Atividades Desenvolvidas

Nesta parte serão apresentadas e descritas as atividades desenvolvidas ao longo do estágio curricular e atividades que foram projetadas, mas que devido a constrangimentos vividos por causa da situação pandémica que o país atravessa, não foram possíveis de realizar.

Observação

A observação foi algo intrínseco a este estágio e ocorreu ao longo do mesmo. Esta atividade representa uma aprendizagem fulcral e uma necessidade para a integração na instituição. Esta primeira etapa do estágio foi essencial para o levantamento de necessidades e para entender a dinâmica institucional.

Durante o estágio, foi-me possível assistir, como observador não participante, a uma diligência no Tribunal. Esta diligência resultou de furtos menores que teve como consequências algumas medidas tutelares educacionais para um Jovem acolhido na CA. O Jovem em questão tem 16 anos e apresenta problemas de consumo de substâncias ilícitas, nomeadamente o canábis. Este, na presença do Juiz assumiu as responsabilidades pelos seus atos e manteve uma postura adequada durante toda a sessão, respondendo sempre que solicitado. No decorrer da sessão foi possível verificar a colaboração bem-intencionada do Juiz com a Equipa Técnica para auxiliar o Jovem a evitar comportamentos desviantes. Dado que o Jovem tem dificuldades de aprendizagem, averiguou-se com este um novo método que o beneficiasse, para continuar a formação até ao 12º ano de escolaridade, optando por um curso profissional.

Ao longo do estágio, foi-me possível assistir, como observadora não participante, a algumas reuniões no âmbito da CA. Algumas destas foram de teor multidisciplinar, que abrangiam instituições externas ao CJSJ. Outras consistiam nas Assembleias da CA, que contavam com a participação dos Jovens e alguns membros da Equipa Técnica e Equipa Educativa da CA. Esta última tinha como objetivo a resolução de problemas inerentes à CA e entre os Jovens, assim como à planificação de atividades para o período de férias, fins-de-semana e festividades.

Reflexão pessoal.

A observação é uma atividade crucial na aprendizagem e no primeiro contacto com o mundo profissional. Foi uma atividade que me permitiu familiarizar com a instituição e, mais importante, criar uma relação de confiança e respeito com os utentes e colaboradores, à medida que se foram familiarizando com a minha presença na instituição. A importância de compreender como as pessoas se relacionam no seu meio ambiente sem interferir ou julgar é algo fundamental para posteriormente ser aceite nos seus mundos. Esta primeira experiência de observação, além de poder representar uma parte científica num relatório de estágio, também me parece essencial para a inserção num novo meio ambiente, especialmente quando se fala de IPSS's. Nomeadamente, uma IPSS destas características que reporta uma variedade de pessoas

de diferentes culturas e idades. O estágio apesar de ter sido direcionado para os utentes da CA, ou seja, Jovens com idades compreendidas entre os 14 e os 19 anos, não excluiu todas as outras esferas sociais da vida destes. O raio de alcance não se retém apenas nos Jovens, ele envolve os colaboradores, famílias, outras instituições, entre outros.

Ao longo do estágio, questionei-me sobre algumas atitudes que observei na instituição. Os Jovens da CA carregam a fama de serem problemáticos e como tal, usam essa máscara. Contudo, uma vez dada a oportunidade, estes pretendem ser ouvidos e procuram que lhes seja devolvida confiança. Verifiquei que existe um certo estigma que os Jovens sentem quanto à sua condição de estarem na CA, por serem percecionados pelos de fora como problemáticos. Isto tem grande influência na vida dos Jovens e são muitas vezes os primeiros a serem culpabilizados em ambientes externos da instituição e por vezes na instituição, o que cria um ambiente de constante desconfiança e descredibilização dos mesmos. Os preconceitos potenciam, desnecessariamente, comportamentos desajustados e cabe ao psicólogo, em especial neste contexto, servir de ponte de comunicação e desmitificar estes preconceitos. O papel do psicólogo nesta área é muito importante no auxílio aos Jovens e em dotar os mesmos e os colaboradores da instituição de ferramentas que favoreçam o percurso de vida de cada Jovem. A importância de acompanhar os Jovens é notável, mas difícil de gerir, daí a pertinência de uma boa comunicação entre os colaboradores.

Apesar do mestrado ser do âmbito de Psicologia Clínica e da Saúde, o contexto de estágio, onde atuei, levanta questões de ordem psicossocial, que enriqueceu a minha aprendizagem. O mestrado onde me insiro remete muitas vezes para um trabalho de gabinete que por vezes cria uma certa ansiedade no utente. Por sua vez, é da responsabilidade do psicólogo transformar o gabinete num local seguro e de confiança para que o utente se familiarize com este. No contexto deste estágio, a ação do psicólogo não se remete a um gabinete, mas é uma presença que abrange a vida diária dos Jovens e dos outros colaboradores, o que expande esta responsabilidade e função de criar um ambiente seguro e de confiança. Comparando o modo de trabalho num contexto clínico com o contexto psicossocial, verifica-se que a atividade de observação se equipara ao primeiro contacto com um utente no contexto clínico. Observa-se a postura, a comunicação verbal e não verbal, e não se julga ou tira-se conclusões precipitadas, pois isto requer um espaço de reflexão e investigação. Neste contexto de estágio, diria que é aqui que se inicia o desenvolvimento de uma relação de confiança e respeito mútuo. Este processo varia de pessoa para pessoa e sendo os utentes jovens em fases

de desenvolvimento diferentes, este processo pode ser ainda mais moroso ou não, mas, todavia, terá de ser respeitado e não poderá ser forçado.

Intervenção Individual

Durante o estágio, tive a possibilidade de observar um total de quatro acompanhamentos individuais. Um destes teve lugar no FACes, de forma a complementar o meu percurso académico e enriquecer as minhas aprendizagens. Os restantes três foram no CJSJ, no CAFAP.

O FACes é um centro de atendimento psicológico e formação especializada inserida na Universidade Católica Portuguesa de Braga. Este é um serviço que visa promover o desenvolvimento integral da pessoa através do acompanhamento e intervenção psicológica. Optei por apresentar pormenorizadamente o acompanhamento realizado no FACes, uma vez que tive a possibilidade de o acompanhar numa fase inicial. Os restantes acompanhamentos de A, B e C já não se encontravam numa fase inicial e as suas avaliações e relatórios de consultas, realizados por mim, foram remetidos para os respetivos anexos (Anexo E, F, G, H, I, J).

Apresentação de caso.

M tem 19 anos de idade e frequenta o primeiro ano do curso de Enfermagem fora da sua cidade natal. O pedido da consulta foi feito pela mãe de M alegando que a filha tinha problemas de ataques de ansiedade perante os testes de avaliação. Contudo, M, na sua folha de pedido de consulta escreveu que a dificuldade que apresenta é ataques de raiva ao contrário de a mãe considerar que os ataques são de ansiedade.

Na fase inicial do 1º atendimento procedeu-se a uma recolha de dados anamnésicos. Revelou-se deste modo, que a gravidez de M teve algumas fases difíceis para a mãe porque os seus pais (avós de M) faleceram durante a mesma, o que pode ter impactado/influenciado a relação da mãe com a filha. M foi uma criança tímida e teve uma infância complicada, no sentido que a mãe sofreu de Depressão e o pai teve complicações de saúde, levando à sua reforma antecipada. Apesar disto, M sempre foi estimulada para falar e participar nas aulas pelos Professores, por interceção da mãe. Sempre foi uma boa aluna e nunca reprovou. Na secundária, M tinha alguns ataques de ansiedade antes dos testes de avaliação, contudo atualmente já não relata o mesmo. Relata apenas que fica ansiosa perante avaliações, como quando é questionada nas rondas que faz no estágio de enfermagem no hospital com os colegas.

O agregado familiar de M é constituído por esta, a mãe e o pai. Além destes familiares, a M mantém relação com o seu meio-irmão, da parte do pai. Contudo, nunca conheceu a família

do pai, que reside em Cabo Verde; apesar de M ter mais irmãos, nunca os conheceu. O pai é de Cabo Verde e encontra-se reformado, teve vários problemas de saúde que inspiraram M a ingressar academicamente no caminho da saúde. A mãe de M tem um papel forte e central na família. Assume uma postura autoritária e desempenha o papel central na família devido à debilidade do pai. A mãe tem antecedentes de Depressão, que a mesma acredita ter afetado negativamente a filha, porque admite que por vezes “descarregava” nesta sem necessidade. A mãe mostra-se muito preocupada e aparenta querer projetar o melhor para a filha, “não quero que ela passe pelo que a mãe passou, tento dar tudo, mas é difícil”. É uma mãe que fala muito, o que acaba por ter a consequência de não deixar a filha se expressar, daí, talvez M ser mais tímida, porque não tem espaço para ser ouvida.

Atualmente, M durante a semana vive na cidade onde estuda com colegas da Universidade. Vive num T3, onde 2 quartos são individuais e o seu é partilhado com uma outra colega. M refere que apesar de ter um bom relacionamento com as colegas de casa sente-se saturada da situação e que a sua parceira de quarto é a colega com quem tem menos empatia. M refere estar cansada de lá estar, especialmente porque não tem o seu espaço individual. As colegas de casa frequentam o mesmo curso e estão sempre juntas, na vida social e académica, incluindo grupos de trabalho. M diz sentir-se sufocada e que quer sair da casa, no entanto devido ao contrato de arrendamento e questões económicas, terá de permanecer na casa até ao final do ano letivo (por mais 3 meses, em respeito ao momento em que pede atendimento psicológico).

Formulação de hipóteses de trabalho.

Através dos dados recolhidos e observados na consulta e na relação da utente com a mãe, coloca-se como primeira hipótese a dificuldade que M tem de se separar da família e a pouca autonomia que a utente apresenta pelo alto grau de fusão emocional com a mãe. No caso de M, olhamos numa perspetiva integrativa relacional que abrange a família, conseguindo compreender para além dos sintomas apresentados, atendendo às relações familiares e ao contexto social (Raguso, *in press*). Com isto, é possível compreender que um conjunto de fatores estão a influenciar o estado da utente, que aumentam a sua ansiedade. Estes fatores são, a transição da escola secundária para o ensino superior, que por si só exige muito de uma jovem; a mudança de casa e estar longe da família; estar longe do namorado e dos amigos; e não ter oportunidade de praticar vólei, que tanto gosta. Todos estes fatores criam o “clima” perfeito para fomentar a ansiedade. Bowen (1978) descreve a ansiedade como fruto de uma relação pouco equilibrada dos membros de uma família e dos subsistemas. Peleg (2002) identificaram

que famílias sobre protetoras caracterizadas pela sua dependência emocional e falta de autonomia, induz stress, confusão e ansiedade. Com isto, também verificamos que a mãe de M apresenta características de “parentalidade helicóptero” que se traduz na sobre proteção, sobre envolvimento, e a aplicação de estratégias parentais intrusivas e inapropriadas ao desenvolvimento filial (Luebbe, Mancini, Kiel, Spangler, Sendlak, & Fussner, 2018). Resulta por ser uma mãe muito preocupada e que tende a falar muito, o que pode ter contribuído para a timidez de M e para a dificuldade desta se expressar perante a mãe. Tudo isto parece traduzir-se na dificuldade no processo de individuação de M, que ao evoluir para a vida adulta tem impacto no seu sistema familiar, havendo necessidade de esta se adaptar às diferentes exigências das várias fases de desenvolvimento. Uma vez que, como Andolfi (1991) caracterizou, a família é um sistema em constante transformação que tem como finalidade assegurar a continuidade e crescimento psicossocial dos membros que a compõem.

Concluindo então, que se trata de uma hipótese inicial que deverá ser mais bem avaliada nas consultas seguintes. Terá de se ter em conta a dificuldade que M assinalou na folha do pedido de consulta, os ataques de raiva. E posteriormente, ter em consideração e explorar a qualidade das relações familiares e o porquê do corte com a família do pai de M. Esta última necessitará de uma intervenção em família de modo a que a utente beneficie da intervenção e possa preencher os espaços em falta da sua história familiar. Uma vez que a relação entre os membros de uma família e os seus subsistemas impactam a pessoa, podendo originar alterações no seu humor (Bowen, 1978; Peleg, 2002).

Proposta de intervenção.

Considerando a história da utente e com suporte da literatura de aprofundamento consideramos os seguintes objetivos/abordagens:

- Facilitar o processo de compreensão de sentimentos e emoções;
- Potenciar a diferenciação emocional;
- Refletir com M sobre a experiência de novos contextos de ensino e a convivência com colegas;
- Promover a aceitação deste novo contexto como parte integrante da sua vida;
- Facilitar o processo de reflexão sobre os receios e expectativas relativos a esta etapa da vida;
- Explorar e refletir sobre a história familiar de M.

Objetivos de intervenção.

- Promover a autonomia/diferenciação da família (mãe);
- Atenuar os conflitos relacionais;
- Diminuir a sintomatologia ansiosa e agressiva;
- Destacar as suas relações familiares e a sua pertença na família.

Reflexão pessoal.

Como estagiária tive o privilégio de presenciar dois contextos de intervenção completamente distintos que me elucidaram sobre os benefícios de cada um e de retirar algumas reflexões interessantes. No CAFAP, nas consultas que assisti, utilizava-se o modelo cognitivo-comportamental, e no FACes o modelo humanista e sistémico, através da psicoterapia relacional. Nenhum dos modelos é superior ao outro se forem bem aplicados, contudo há que saber praticar uma análise integrativa do utente. O conhecimento aprofundado dos vários modelos caracteriza-se por ser uma grande vantagem que beneficia o utente.

A primeira abordagem na consulta do FACes, foi muito interessante e uma aprendizagem relevante para o meu futuro profissional. Normalmente tem-se a ideia de lugares marcados dentro de um gabinete, mas se num primeiro encontro dermos oportunidade ao utente de escolher onde se quer sentar, tal revela muito sobre a pessoa. O comportamento não verbal é algo que devemos ter sempre em consideração, dando a oportunidade de escolher o lugar ou não, mas a liberdade de escolha disponibiliza, desde logo, muitas informações sobre o utente. Além disso, esta liberdade também proporciona um “à vontade” e torna a situação menos ansiogénica, o que favorece a criação de uma boa relação terapêutica. Verifiquei a importância da relação terapêutica e de trabalhar nesse sentido, abordando a pessoa como tal. No CAFAP, por vezes havia a sensação de obrigação por parte de alguns Jovens que acaba por não beneficiar e não trabalhar para o sentido de cooperação entre utente e terapeuta. Aqui, cabe ao terapeuta trabalhar a relação terapêutica, pois sem esta o utente não tirará proveito da consulta.

Como foi referido anteriormente, no CAFAP não foi possível observar um acompanhamento desde o seu início, no entanto a Dra. Cristiana esclareceu sobre o seu método de abordagem nas primeiras consultas. A Dra. explicou que opta por preparar uma avaliação, na presença dos cuidadores da criança/jovem, de forma a contextualizar o pedido, esclarecendo que quando o pedido é claro torna o planeamento e a avaliação mais fácil. Esta primeira abordagem fez-me questionar sobre a possibilidade de a presença dos cuidadores nas consultas

poder ser limitante em alguns casos. Apesar de entender a necessidade da presença dos cuidadores, penso que deveria haver, ainda na fase de avaliação, consultas que não envolvam os cuidadores. Isto porque, assim conseguir-se-ia visualizar o jovem ou a criança em diferentes contextos, podendo ter acesso a uma noção integral do comportamento do mesmo. Além disto, creio que na presença dos cuidadores, os utentes (criança ou jovem) podem ocultar informações relevantes. Tendo em conta que ainda se encontram numa fase de criação da relação terapêutica de confiança, esta aproximação, num primeiro momento, com os cuidadores pode inibir essa relação. Especialmente com jovens, a presença dos seus cuidadores nas consultas fomenta a omissão de informação e a desconfiança, uma vez que é especialmente característico dos adolescentes esconderem certas situações dos seus cuidadores, pois encontram-se numa fase inicial de exploração do mundo exterior. Com isto, questiono-me sobre a pertinência de os cuidadores presentes durante as primeiras consultas. Uma vez que, a criação da relação terapêutica com população destas características poder representar ser uma tarefa mais complexa e como tal, deve-se considerar estes fatores. Não obstante, a presença de cuidadores durante as consultas também é pertinente numa perspetiva sistémica/relacional. Com isto, cabe ao psicólogo avaliar os fatores circundantes do utente e as suas problemáticas para que o utente possa beneficiar das consultas de psicologia.

Nesse primeiro atendimento, a Dra. também realiza uma anamnese, através de um protocolo próprio, criado para anotar os aspetos considerados relevantes. Este documento, apesar de prático, parece-me um pouco limitador, no sentido em que se foca em responder às perguntas em vez de dar a liberdade ao utente de expressar e “escrever” a sua história ao seu ritmo. Considero que um guião semiestruturado seria o melhor método, mas este deverá permitir ao utente guiar e fazer a sua “linha da vida” com o auxílio do psicólogo para o orientar. Assim, permite que o psicólogo faça a anamnese em texto e descreva e defina uma linha orientadora da história pessoal e do pensamento do utente. Concluída esta fase, subsequentemente fundamenta-se as hipóteses e propõe-se uma intervenção com os objetivos delineados. No entanto, reconheço que o uso do protocolo é um auxílio necessário e muito útil para colmatar questões de gestão de tempo e trabalho.

Continuando a explicação, a Dra. no final da consulta faz a análise dos dados recolhidos. De seguida, aplica uma entrevista dinâmica para que haja um maior envolvimento dos jovens ou crianças, uma tática muito interessante que colmata algumas apreensões características deste tipo de população. Além disso, recorre ao instrumento ASEBA (*Achenbach System of*

Empirically Based Assessment) de Achenbach e colaboradores (2014) para obter uma avaliação do funcionamento global da criança/jovem, que, por sua vez, possibilita a perceção e o planeamento em quais áreas intervir. O ASEBA consiste num sistema integrado de avaliação multifacetado que contém três questionários diferentes. Estes questionários são relativos ao jovem ou criança a ser avaliada e são preenchidos por diferentes informadores presentes na vida deste. O Questionário de Comportamentos da Criança 6-18 (*Child Behavior Checklist for ages 6-18 [CBCL6-18]*) é preenchido pelo cuidador da criança/jovem. O Questionário de Comportamentos da Criança – Relatório do Professor (*Teacher's Report Form [TRF]*) é preenchido pelo Professor da criança/jovem. E por fim, Questionário de Auto-Avaliação para Jovens (*Youth Self-Report [YSR]*) preenchido pelo jovem. As provas da bateria ASEBA são um recurso utilizado no período escolar para avaliar os problemas emocionais e comportamentais em jovens com idades compreendidas entre os 6 e os 18 anos. Este tem como objetivo auxiliar os técnicos e investigadores em saúde mental na recolha de dados (Achenbach et al., 2014).

Ao longo do estágio tive colegas da universidade que relatavam que num primeiro momento com o utente passavam um teste psicológico, devido ao protocolo estabelecido. Tal suscitou curiosidade e levantou algumas questões a respeito da salvaguarda da integridade dos utentes. Como profissionais de saúde mental, estaremos a respeitar a dignidade do utente ao aplicar um teste psicológico logo num primeiro momento? Ou deveremos questionar-nos sobre a utilidade destes protocolos no momento? Considero que se deve priorizar o bem-estar do utente e atender primeiro às suas necessidades, antes de proceder à aplicação de testes devido ao protocolo. Os testes psicológicos são inquestionavelmente essenciais, mas o momento da sua aplicação deve também ter tida em consideração pois não se deve priorizar a quantificação e caracterização do utente em prol do seu bem-estar. A integridade da pessoa deve ser sempre garantida.

Em ambos os contextos é de salientar o empenho e inovação por parte dos profissionais que tive oportunidade de observar. Ao longo do meu percurso foi claro que a prática da Psicologia requer empenho, inovação e uma constante organização, adaptação e estudo.

Intervenção em Grupo

A elaboração de um plano de intervenção em grupo e a sua dinamização são uma das tarefas a desenvolver no estágio curricular. Tendo em conta as necessidades apontadas pelo orientador local e a vantagem de os Jovens beneficiarem desta ação, como intervenção em grupo, seria desenvolvido o programa denominado de Desenvolvimento Pessoal e Social

(DPS). Este programa tem o objetivo geral de fomentar as competências psicossociais dos Jovens. No entanto, considerando outras exigências que emergiram ao longo do desenvolvimento da relação pessoal com os jovens acolhidos na CA, decidiu-se propor outra atividade de grupo. Com isto, foi desenvolvido, para além do DPS, um novo programa à parte denominado “A História de Raúl”. Contudo, devido à situação pandémica, não foi possível pô-lo em prática.

Este programa centrar-se-ia na reelaboração das histórias pessoais e familiares dos Jovens, uma vez que se pretendia ampliar a leitura das suas realidades de origem, para favorecer o desenvolvimento de valores e perspetivas de vida mais consistentes. Assim sendo, projetou-se esta intervenção num seguimento lógico que integra as vivências pessoais e sociais de cada Jovem. Tem como princípio a autorreflexão de cada um promovendo a resinificação da própria história familiar e pessoal. Esta reflexão seria fomentada através de uma personagem fictícia, o Raúl, de forma a impulsionar a reflexão em grupo.

Fundamentação teórica.

A adolescência é uma etapa de grandes mudanças físicas, cognitivas e sociais que tem como foco a individualidade do adolescente e a sua experiência subjetiva (Romagnolli, Gomes & Caniato, 2016). Por tal, é também uma fase do desenvolvimento humano que é confusa para os especialistas pela dificuldade que encontram em definir marcos concretos, considerando que os estereótipos associados e as fronteiras desta etapa nas sociedades ocidentais estão cada vez mais diluídas (Raguso, 2015). Segundo Andolfi e Mascellani (2012) o adolescente é um indivíduo ambivalente, uma vez que não é mais criança e não é ainda adulto. Esta ambivalência provém de o adolescente ser uma pessoa de competências, mas que, no entanto, utiliza uma linguagem simples, que ainda carece de uma certa maturação cognitiva (Quintero, 2019). Além disto, esta é uma fase que despoleta, ao mesmo tempo, a necessidade de separação, e o desejo de pertencer à família e o desejo de proteção (Andolfi & Mascellani, 2012), pelo que seria um equívoco considerar a adolescência apenas a idade da desvinculação (Raguso, 2015).

As casas de acolhimento são uma possibilidade de garantir a proteção das crianças e jovens que se encontram na impossibilidade de permanecer em segurança junto das suas famílias de origem (Lopes & Cruz, 2015). Esta separação da sua família de origem, apesar de ser uma medida de proteção, todavia acaba por ter um grande impacto no jovem, que procura a sua pertença no mundo. O Jovem passa por um processo de redefinição e consolidação da sua

identidade, além de um trabalho duro de redefinição da sua pertença (Andolfi e Mascellani, 2012).

Os problemas de autorregulação das emoções são os problemas mais comuns nestes Jovens, seguida dos problemas comportamentais que advêm da vinculação que estes internalizam, com os vínculos inseguros a serem os que mais persistem (Lopes & Cruz, 2015; Leloux-Opmeer, Kuiper, Swaab, & Scholte, 2016). Estes vínculos devem-se ao caráter precário dos sistemas de apoio no qual estes Jovens/Crianças se inseriam (Tinoco & Franco, 2011).

Como relatam Andolfi e Mascellani (2012), a falta de dependências saudáveis resulta em dependências patológicas. O historial de eventos desfavoráveis no contexto familiar pode estar na base do desenvolvimento de escolhas e comportamentos de risco, como por exemplo o abuso de substâncias, o envolvimento com grupos marginais (gangs), entre outros... Nesta perspetiva, as dependências patológicas são compreendidas como a experiência de sofrimento e mal-estar originado por um bloqueio no desenvolvimento que envolve a sua família. Perante isto, existe uma necessidade de abordar a pessoa para além dos seus problemas crónicos, como forma de transcender o percurso desta para que o percurso, muitas vezes, repetido pelo indivíduo e a família seja alterado (Raguso, in press). Denota-se então a pertinência de uma intervenção que insira as vicissitudes dos jovens em acolhimento, na vida e na história das suas famílias, numa construção relacional-simbólica.

Considerando a pertinência encontrada, esta intervenção baseia-se no modelo sistémico, mais especificamente, utiliza algumas ferramentas do modelo de Whitaker. Nesta lógica, o processo de intervenção do modelo sistémico assenta na construção de relacionamentos, na procura de recursos, e no resgate do sofrimento e da dor; elementos percecionados como fatores que impulsionam a mudança (Sanvincente, 2019). É um modelo que se baseia na premissa de que a cura ocorre através da história (Andolfi & Mascellani, 2012).

A adolescência é uma fase onde os indivíduos comunicam por analogias, e a metáfora é uma ferramenta de comunicação eficaz para que o adolescente consiga expressar a simbolização das suas relações e expressar o que lhe é difícil (Andolfi & Mascellani, 2012). Este processo simbólico juntamente com o uso do humor, são algumas bases desta lógica de terapia com adolescentes que fundamentam a intervenção. O humor é uma das ferramentas centrais do modelo de Whitaker, e é usado para anestesiar a dor despertada e ressaltar com nitidez algumas aberturas inesperadas, vislumbres de caminhos que deviam expandir-se, como modo de reforçar

a invariabilidade de papéis e condutas (Andolfi & Mascellani, 2012). Estas serão as ferramentas utilizadas ao longo da intervenção de grupo, apoiando-se assim no modelo de Whitaker.

Estrutura do Programa de intervenção em grupo.

O objetivo geral desta intervenção é o desenvolvimento de competências pessoais e sociais através da reelaboração das suas histórias pessoais e familiares, ampliando a leitura das suas realidades de origem para favorecer o desenvolvimento de valores e perspectivas de vida mais consistentes.

Os objetivos específicos consistem em:

- a) Promover a partilha e o desenvolvimento pessoal e social;
- b) Estimular a expressão emocional;
- c) Refletir sobre a história pessoal e familiar;
- d) Promover uma resinificação da história familiar e pessoal;
- e) Promover a identificação social;
- f) Promover a reflexão sobre o futuro.

O programa de intervenção contém 8 sessões (ver Anexo K), com a frequência de uma vez por semana. Posteriormente, na Tabela 2 é possível observar a síntese do projeto, com os temas, os respetivos objetivos e materiais utilizados em cada sessão. Cada sessão teria uma duração média de uma hora. Os participantes desta intervenção são os jovens acolhidos na CA do CJSJ. O grupo destinado à intervenção seria constituído por 8 Jovens. Os participantes seriam todos do sexo masculino com idades compreendidas entre os 14 e os 19 anos.

Quanto à metodologia de avaliação, esta realizar-se-ia ao longo das sessões através de uma avaliação pelos observadores (ver Anexo L) e uma autorreflexão dos Jovens (ver Anexo M). Esta avaliação consiste na avaliação dos participantes sobre a interiorização dos cortes emocionais, que aconteceram na sua história pessoal e familiar. Esta avaliação centra-se numa avaliação mais qualitativa. Tendo isto em consideração, na avaliação realizada pelos observadores, propusemos a avaliação quantitativa nos seguintes aspetos: o envolvimento do Jovem na sessão, concentração nas tarefas, facilidade na partilha, facilidade na reflexão, e a iniciativa nas atividades. Esta avaliação é realizada com recurso a uma escala de Likert de 5 pontos: Muito Mau, Mau, Razoável, Bom e Muito Bom. Contudo, centrámo-nos na avaliação qualitativa, através de questões relativas ao seu desenvolvimento na sessão, postura e

observações relevantes. Além disto, os Jovens também seriam submetidos a uma autoavaliação qualitativa, realizada no final de cada sessão. Esta avaliação, baseia-se numa autorreflexão dos Jovens que se foca nos significados, sentimentos e pensamentos destes.

Optamos por esta metodologia devido à escassez de instrumentos que avaliem as dimensões na qual nos focalizamos e respeitem a pessoa na sua realização. Dado que os participantes são adolescentes institucionalizados com tendência a serem resistentes. Perante isto, esta metodologia pareceu-nos a mais adequada. Nesta lógica, de modo a respeitar a integridade e priorizando o bem-estar das pessoas em questão, justificamos a decisão por nos mantermos fiéis ao modelo utilizado, colocando a pessoa no centro da intervenção e não apenas a “mente” ou o “indivíduo” (Raguso, 2015).

Plano das sessões.

“A História de Raúl” – síntese.

Nesta intervenção, através de um processo dinâmico, convida-se os participantes a revisitarem o passado e a projetar o seu futuro, retratando o seu presente com a ajuda e a integração de todos. Inicialmente, pretende-se que os Jovens reflitam sobre o presente, e a respetiva entrada dos mesmos na CA, local onde agora se encontram a residir. Solicita-se também que cada participante traga uma música com a qual se identifique. O recurso a esta tarefa deve-se à dualidade existente nos adolescentes que pretendem partilhar o que sentem (sentimento de pertença), mas suprimem isto (querer ser independente), pelo que o fazem com recurso a modalidades de expressão de outras pessoas com a qual se identifiquem. Sabemos que a adolescência é uma fase muito emotiva marcada pela exploração ativa dos adolescentes pela sua pertença no mundo. Deste modo, a música sendo um dos meios de exploração mais utilizados e a adolescência sendo um período de grande exploração, esta tarefa parece colmatar a simplicidade e complexidade que esta fase acarreta. Com isto, a associação de uma música favorece a expressão de emoções e sentimentos.

Após esta fase, explorar-se-ia o passado dos participantes que resultou no momento onde, agora, se encontram. Com isto, através da promoção da motivação para o futuro fomentar-se-ia a perceção que os participantes têm do seu futuro, delineando objetivos e metas a alcançar. Ao longo das sessões, compila-se a história dos participantes (Presente e Futuro) numa só através de uma personagem fictícia, o “Raúl”, que posteriormente traduzir-se-ia num documento escrito e visual, de carácter animado.

Na antepenúltima sessão solicitar-se-ia que cada participante trouxesse uma música que achasse apropriada para caracterizar a vida de “Raúl”. Reflete-se sobre as escolhas musicais e, em grupo, escolhem a música da personagem. Concluindo a intervenção, a visualizar o documento final, incitando à reflexão do mesmo. Após esta reflexão, atribui-se a documentação da história pessoal que cada um tem vindo a escrever de si próprio com o nome da música da sua vida, escolhida no início da intervenção, como título da sua história.

No final de cada sessão tirar-se-ia fotos do grupo e/ou do trabalho elaborado na mesma, para que na última sessão estas fossem projetadas juntamente com a música que o grupo escolheu para o “Raúl”. Finalizar-se-ia a intervenção com uma reflexão sobre o documento personalizado, da intervenção e o que se retirou da mesma. Nesta reflexão final far-se-ia uma alusão ao nome escolhido para a personagem fictícia, distinguindo o carácter palíndromo do nome da personagem, “Raúl”. Isto com o intuito de se fazer uma atribuição de significados com o recurso à metáfora, dando por terminada a intervenção.

Cronograma das sessões.

Tabela 2.

Cronograma das sessões

Nº e tema da sessão	Objetivos específicos	Materiais
Sessão nº 1 - “Somos um”	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação do grupo; • Definir regras; • Fomentar a reflexão interpessoal; • Incentivar à responsabilidade. 	Quadro branco magnético, marcadores, almofada e ficha de autorreflexão.
Sessão nº 2 - “Apelando à Criatividade”	<ul style="list-style-type: none"> • Estimular a expressão emocional; • Fomentar a partilha; • Reconhecer a diversidade social; • Incentivar à boa comunicação. 	Telemóvel, coluna e ficha de autorreflexão.

Sessão nº 3 - “Ser Raúl”	<ul style="list-style-type: none"> • Promover o autoconceito; • Estimular a autorreflexão; • Promover o espírito de grupo • Promover a reflexão sobre os sentimentos associados ao seu acolhimento; • Fomentar a reflexão interpessoal; • Compreensão e tradução da comunicação não verbal • Estimular a expressão emocional. 	Quadro branco magnético, marcadores, almofada e ficha de autorreflexão.
Sessão nº 4 - “As raízes de Raúl”	<ul style="list-style-type: none"> • Promover a identificação social e o sentimento de pertença; • Promover a expressão e interiorização de acontecimentos de vida relacionados aos marcos históricos da sua vida • Incitar ao compromisso; • Incitar à identificação e análise social. 	Folhas e material de escrita, e ficha de autorreflexão.
Sessão nº 5 - “As pessoas de Raúl”	<ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre a simbologia das fotos e compreender a sua história e significados associados; • Estimular a verbalização; • Reconhecer os seus apoios sociais. 	Folhas e material de escrita, almofada, quadro branco magnético, marcadores e ficha de autorreflexão.
Sessão nº 6 - “O Futuro de Raúl”	<ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre o futuro; • Definir objetivos; 	Folhas e material de escrita, almofada,

	<ul style="list-style-type: none"> • Aprofundar e refletir sobre os seus objetivos e sonhos; • Promover estratégias de resolução de problemas; • Promover a coesão de grupo; • Fomentar a responsabilidade. 	quadro branco magnético, marcadores e ficha de autorreflexão.
Sessão nº 7 - “A Banda Sonora de Raúl”	<ul style="list-style-type: none"> • Promover o sentido de responsabilidade; • Fomentar o diálogo; • Estimular a argumentação; • Promover a cooperação; • Promover a coesão de grupo. 	Almofada, quadro branco magnético, marcadores, telemóvel, coluna e ficha de autorreflexão.
Sessão nº 8 - “O início da caminhada”	<ul style="list-style-type: none"> • Promover a capacidade de sintetizar ideias; • Promover a cooperação no grupo; • Promover o autoconceito; • Estimular a autorreflexão; • Promover o espírito de grupo. • Materializar a história pessoal de cada participante; • Estimular a reflexão interpessoal; • Promover a reflexão de grupo e pessoal; • Promover a identificação social; • Promover a motivação intrínseca. 	Folhas e material de escrita, almofada, quadro branco magnético, marcadores, material de desenho, projetor, computador, coluna e ficha de autorreflexão.

Reflexão pessoal.

A elaboração da intervenção de grupo foi realizada minuciosamente com o intuito dos Jovens beneficiarem da mesma. Contudo, não foi possível aplicar a intervenção devido aos constrangimentos que o Covid-19 dispôs no país que resultou na suspensão de qualquer contato presencial de pessoal externo à CA.

O fundamento principal para o exercício desta intervenção em específico é a confiança já existente e cultivada ao longo do tempo, que permitiria a execução da atividade. No decorrer do estágio denotamos a necessidade de uma intervenção que abordasse a ligação com a família pois é um tema amplamente discutido neste contexto. Os Jovens sentem-se afastados forçosamente das suas famílias, o que provoca uma desorganização e revolta interior. Posto isto, esta intervenção, seria muito benéfica para os Jovens e atenuaria algumas das suas mágoas. Sendo apenas 8 os Jovens inseridos na CA, uma intervenção deste género proporcionaria bons resultados uma vez que também iria firmar o sentido de união e empatia entre estes.

A ideia inicial na execução da intervenção de grupo seria seguir o planeado nas sessões, mas far-se-iam mudanças nas mesmas de acordo com a receptividade apresentada pelos Jovens às mesmas. É importante ter um olhar humanista sobre os participantes e perceber que apesar de as sessões estarem planeadas de uma certa maneira, caso as mesmas não estejam a alcançar os objetivos previstos ou a não ter a adesão desejada, deverão ser alteradas. O foco da realização de uma intervenção de grupo deverá ser, sempre, favorecer o desenvolvimento dos participantes e não a execução das tarefas previstas.

No contexto da CA, uma intervenção que aborde a família e que fomente o sentido de união e companheirismo entre os Jovens é necessária. Apesar de a família destes poder ser/estar ausente ou ter outras características que resultaram na inserção na CA, os Jovens fazem parte de uma história familiar em que os mesmos sentem a necessidade de compreender a sua pertença. Os Jovens verbalizavam muitas vezes acerca das suas famílias, evidenciando sentimentos de solidão e alienação que, em adolescentes, intensifica a procura pela sua pertença no mundo. Ao que, há que reforçar a sua pertença na família, na CA e dar significado ao seu percurso de vida, algo que os Jovens ambicionam fazer. Com isto, sugiro a elaboração de intervenções que abordem estas temáticas e que acima de tudo façam os Jovens compreender que “fazem parte” de algo.

Ação de Formação

A ação de formação é, também, um objetivo do estágio. Neste caso, esta projeta-se numa apresentação oral, num momento único, com o intuito de instruir a equipa educativa da CA do CJSJ. Esta formação denomina-se “Relaciona-te” e foi sustentada pela elaboração de um manual (ver Anexo N).

Fundamentação teórica.

A adolescência é uma fase de desenvolvimento considerada pela teoria relacional como um processo de individuação para a construção da identidade, que acarreta a dialética entre individuação e pertença (Raguso, 2015). Esta etapa do desenvolvimento, por si só, é uma fase complexa e de descoberta, mas considerando a especificidade da história e condições de vida dos jovens em situação de acolhimento residencial, o panorama relacional complica-se. Uma vez que, a retirada dos Jovens do seu meio familiar para a casa de acolhimento implica uma interconexão entre o privado e o público que tem como protagonistas diferentes atores sociais (Andolfi e Mascellani, 2012). Os técnicos da CA, mais especificamente a Equipa Educativa, têm um papel ativo na vida destes Jovens e são eles que os acompanham em todas as atividades, o que os aproxima de uma relação consistente com os Jovens. Estas relações estabelecidas são de grande importância para um adequado desenvolvimento psíquico e social dos Jovens (Lemos, Gechele, & Andrade, 2017). Denotando-se uma tendência para os jovens institucionalizados confiarem mais nos seus pares da instituição e nos seus funcionários, do que nos pares no exterior (Lopes & Cruz, 2015).

Os vínculos inseguros e um bem-estar subjetivo menor em comparação com outros jovens em acolhimento familiar e população em geral são características que persistem nos jovens institucionalizados (Lopes & Cruz, 2015; Delgado, Carvalho & Correia, 2019). Estas características levam, muitas vezes, os Jovens a procurarem dependências patológicas, como as drogas e a violência, na falta das dependências saudáveis, como a vinculação segura (Andolfi & Mascellani, 2012). A interação é intrínseca à vida humana, para que esta possa existir a pessoa terá de realizar a sua vida no mundo através da comunicação, uma vez que o sujeito não é um mundo cerrado em si próprio, mas sim em abertura a todos os seres e especialmente à reciprocidade entre as pessoas (Soares, Russo, Chirinhos, & Quiroga, 2006). Aqui verifica-se o papel importante que a família apresenta. Na inserção do ser humano no mundo, a pessoa entra numa rede de relações e tramas familiares onde a mesma irá representar o sentido de continuidade e introduzirá novos elementos à história familiar (Raguso, in press). Então, a família encontra-se estritamente relacionada com as dependências patológicas.

Estas dependências patológicas, atualmente, veem nascer um novo ramo para além das “clássicas”, as dependências do álcool, drogas e alimentares (Andolfi & Mascellani, 2012). Com a evolução, novas tecnologias emergem e apesar de a interação ser intrínseca ao ser humano, estas vieram reformular a forma como se comunica e acabam por ter consequências no modo como se relaciona com o mundo e com os outros (Barbosa, Matos, & Costa, 2011; Lira, Pereira & Fell, 2017).

A tecnologia, juntamente com a internet, é uma das dependências patológicas supracitadas anteriormente. Ela representa uma oportunidade de obter apoio social e de interação, especialmente para os jovens com maior dificuldade em se relacionarem e com baixa autoestima (Andolfi & Mascellani, 2012). Devido às características que os meios de comunicação oferecem, como a oportunidade de inventar identidades paralelas à realidade, representam um fator de risco, especialmente nos adolescentes, que se encontram a construir a sua própria identidade (Andolfi & Mascellani, 2012). A necessidade de fomentar a criação de relações próximas positivas que orientem os Jovens é notável, para que estes encararem o mundo e os outros de forma positiva e evitem as dependências patológicas (Mota & Matos, 2010; Andolfi & Mascellani, 2012). Com isto, é importante envolver-se no mundo digital onde o Jovem se insere para que haja um melhor relacionamento e para protegê-lo dos possíveis perigos (OPP, 2020).

Destaca-se a necessidade de potenciar a criação de relações significativas com os colaboradores da instituição, mais especificamente com a Equipa Educativa, para que os Jovens evitem dependências patológicas. Nesse sentido, salienta-se também a importância de compreender o Jovem numa perspetiva global, concordando que uma ação de formação junto da Equipa Educativa é útil e oportuna de acordo com as necessidades da CA. Posto isto, consoante a literatura e a avaliação das necessidades, pareceu-nos pertinente abordar a influência que as histórias familiares dos Jovens têm sobre as dependências patológicas e relações sociais.

Plano da ação de formação.

Esta ação de formação é destinada à Equipa Educativa da CA do CJSJ. Devido à pandemia vivida atualmente, não foi possível realizar esta atividade. A ação de formação foi projetada para ser realizada num momento único com uma duração média de 1 hora e com recurso a um suporte *PowerPoint* (ver Anexo O). Após a formação seria aplicado um questionário de satisfação da mesma (ver Anexo P). Esta ação de formação denominar-se-ia “Relaciona-te” e

teria como objetivo geral sensibilizar para o impacto que a história familiar tem sobre as relações sociais e nas dependências patológicas, focando-se nas tecnológicas.

Os objetivos específicos desta ação de formação seriam:

- Esclarecer a importância do papel dos educadores na vida dos Jovens;
- Promover a importância do reconhecimento do meio familiar de cada Jovem;
- Sensibilizar para o impacto e a importância de uma boa relação junto dos Jovens;
- Incentivar à criação de relações próximas positivas;
- Apresentar e esclarecer o conceito de dependências patológicas, nomeadamente as tecnológicas;
- Dar a conhecer a conexão entre a história pessoal e familiar com as dependências patológicas.

Reflexão pessoal.

Infelizmente, esta atividade também não foi realizada. As ações de formação deverão ser uma constante na vida profissional de todos. Neste contexto institucional, em que a solidariedade é o foco central, há que apostar na formação para melhorar o desempenho profissional. Na Psicologia a aprendizagem constante, a evolução e o desenvolvimento de competências é ainda mais imperativo pois trata-se de uma área de saúde que acarreta a responsabilidade do bem-estar do outro.

A escolha desta temática para a ação de formação deve-se à necessidade de impulsionar a Equipa Educativa a criar relações próximas com os Jovens e a sensibilizá-la para a compreensão integrativa dos mesmos. A criação de uma relação afetiva forte com os Jovens produz efeitos positivos na vida destes, que conseqüentemente evitam a busca por dependências patológicas.

Atividades Extra

Nesta parte apresentamos as atividades extra desenvolvidas ao longo do estágio curricular.

Seminário “Família em Foco” – CAFAP.

Inicialmente, foi-me proposto auxiliar na organização do Seminário “Família em Foco” desenvolvido por uma das valências do CJSJ, o CAFAP. Apesar da valência na qual fui

integrada para o estágio curricular ser a CA, houve uma cooperação entre valências na realização do Seminário. Deste modo, os estagiários do CJSJ ficaram com a responsabilidade de fazer o levantamento de contactos de e-mail de diferentes entidades de Portugal continental com o propósito de divulgar o evento. Após esta fase de divulgação, também participámos na preparação e organização dos materiais para oferecer no Seminário. No decorrer do evento, cada estagiário ficou responsável por uma tarefa, a minha consistia em receber e encaminhar os participantes ao respetivo auditório, e em colmatar necessidades que fossem surgindo.

Ceia de Natal, inauguração das novas instalações do CAFAP e abertura dos novos quartos remodelados.

A semana dedicada à época festiva do Natal traduziu-se em várias atividades dessa índole. Os colaboradores do CJSJ, incluindo os estagiários, foram convidados para a Missa e Ceia de Natal, e ainda para inauguração do CAFAP. Aos estagiários da CA foi solicitado que auxiliassem a Equipa Educativa com os Jovens no decorrer das festividades. A Ceia de Natal teve como foco os Jovens da CA, e contou com a presença de colaboradores e ex-colaboradores da instituição. Os Jovens mostraram-se alegres e nostálgicos pela presença de antigos colaboradores da instituição.

O evento contou com discursos realizados pelos representantes do CJSJ e a apresentação de dois documentos audiovisuais. O primeiro documento foi realizado e presenteado pelos Jovens. O mesmo continha fotos do percurso efetuado ao longo do ano pelos Jovens e colaboradores, proporcionando um momento de nostalgia e alegria que suscitou um sentimento de orgulho nos mesmos e a troca de afetos entre estes. O segundo documento foi realizado pelos colaboradores, incluindo os estagiários do CJSJ, como oferta para os Jovens. Os Jovens mostraram-se muito satisfeitos e agradecidos.

Após o discurso final da Ceia de Natal, procedeu-se à inauguração das instalações remodeladas na CA, momento este liderado pelos Jovens que se dirigiram aos seus quartos onde encontraram presentes em cima das camas. Este momento foi registado por nós através da captura de fotografias, onde se destaca a felicidade dos Jovens por terem as pessoas presentes ainda mais do que os presentes materiais que receberam, tendo solicitado fotos com elas.

Acompanhamento na aquisição de vestuário.

Segundo o protocolo, cada Jovem da CA tem direito a um valor de 60€ anualmente para a compra de vestuário. Este valor, apesar de adequado para os Jovens que têm apoio financeiro e materiais das suas famílias de origem, não parece ser suficiente para os restantes Jovens que

não têm esse apoio. Tal caso, verificou-se com o Jovem M, cuja família não tem posses, o que o torna um pouco desprovido de vestuário. De forma a rentabilizar o uso do dinheiro disponibilizado pelo protocolo, a Equipa Técnica optou por dividir o valor, ao que 30€ seriam utilizados durante a época fria e o restante valor seria utilizado mais tarde, na época quente. Esta estratégia apresenta ser adequada e útil por ter em atenção as necessidades das diferentes épocas.

Durante esta atividade, foi possível perceber as diversas áreas aqui estimuladas na execução desta tarefa, como a gestão e a autonomia. A gestão foi trabalhada ao solicitar ao Jovem definisse prioridades. Após uma autoavaliação, este concluiu que as suas prioridades eram calças e calçado, ao que de acordo com o valor (30€) tentou-se gerir e colmatar estas necessidades. Com isto, já no centro comercial, o Jovem mostrou-se muito contente pela variedade na opção de roupa que o rodeava, o que fez com que as suas prioridades começassem a dispersar, pois passou a optar por outras peças, renunciando as suas prioridades anteriormente expressadas. De modo a atender às suas necessidades, informou-se o Jovem sobre as estratégias que poderia tomar, elucidando-o para a boa gestão do dinheiro que possibilitaria a obtenção de outras peças que não as prioritárias. Para conseguir atender às necessidades prioritárias do Jovem, através da persuasão da Dra. Cláudia e estagiários, o Jovem cooperou e foi possível comprar dois pares de calças, uma camisa, um par de sapatilhas e uma bolsa. A autonomia do Jovem destacou-se na gestão que teve de realizar ao tentar colmatar as suas necessidades prioritárias e não prioritárias (a bolsa), que resultou num sentimento de orgulho e felicidade pela boa gestão do dinheiro e por conseguir adquirir tudo o que pretendia.

A observação desta atividade foi enriquecedora para compreender o papel do psicólogo na CA, uma área de índole psicossocial, pois serviu de bom exemplo sobre as boas práticas de psicologia fora de um gabinete.

Programa de desenvolvimento pessoal e social (DPS).

Inicialmente, o programa DPS seria integrado na intervenção de grupo realizada para este relatório de estágio, mas com a proposta da intervenção de grupo, “A História de Raúl”, optou-se por utilizar esta última para essa parte do relatório. Quanto ao programa DPS colaborei na sua reformulação, mais especificamente na fundamentação teórica, nas sessões e nas avaliações (pré e pós teste). A minha contribuição para o pré e pós teste, além de outras modalidades, foi a aplicação do instrumento “Para mim é fácil” (Gaspar & Matos, 2015), que segue a lógica do modelo cognitivo-comportamental utilizado na elaboração desse programa.

Reuniões.

Ao longo do estágio participei em reuniões internas da CA, referentes ao programa desenvolvido na mesma, o DPS. Estas serviram como meio de colaboração para a realização do planeamento das sessões, fundamentação teórica e a seleção do pré e pós teste. Também estive inserida em reuniões de estágio onde participaram os estagiários do CJSJ, os Diretores Técnicos das respetivas respostas sociais e, ocasionalmente, o Diretor Executivo. As mesmas demonstraram a cooperação institucional que caracteriza o CJSJ e tiveram o objetivo de orientar e distribuir tarefas pelos estagiários.

Conclusão

Ao longo deste estágio deparei-me com muitas adversidades que despoletaram muita ansiedade e stress, mas que resultaram na evolução das minhas competências gerais, capacidades observacionais e de resolução de problemas. O estágio curricular é o primeiro contacto com o mundo profissional no qual, posteriormente, nos vamos inserir e tem como objetivo aprender competências. O desconhecido é sempre desafiante, mas neste caso em particular, o estágio foi mais desafiante do que especulava. Neste contexto apercebi-me das dificuldades encontradas pelos colaboradores na instituição e pelas diferentes autoridades que acabam por restringir ou retardar uma ação mais eficaz junto dos Jovens e de todos aqueles que a instituição integra. Apesar destes constrangimentos, é importante não perder o foco no objetivo do trabalho realizado na instituição que, no caso em particular da CA, visa proteger e auxiliar os Jovens a tomar o rumo de uma vida melhor.

A área do acolhimento institucional é muito complexa pois responde a diversas autoridades e entidades externas, o que por vezes se torna avassalador para os colaboradores. Colmatar as exigências requeridas por essas entidades e atender, simultaneamente, aos pedidos pessoais dos Jovens é uma tarefa extremamente complexa e árdua. Posto isto, as competências exigidas aos técnicos e colaboradores destas áreas de ação devem ser distintas. Nesta lógica, a resiliência é uma das competências necessárias, dado que é uma área propícia a adversidades constantes que necessitam de resoluções práticas e, muitas vezes, imediatas. A integridade e transparência é também uma competência crucial, devido à importância acrescida de garantir que os Jovens vinguem na vida. Para isto, a comunicação transparente entre os colaboradores e o respeito pela integridade do outro são fatores importantes para uma boa cooperação e um bom funcionamento da instituição, de forma a atingirem os objetivos que se propuseram alcançar.

Destacando-se aqui a importância que os princípios e valores éticos e deontológicos têm na prática para com os que beneficiam da resposta social e com os seus colaboradores.

Os profissionais, nas suas diferentes áreas de ação devem possuir um sentido de autocrítica, procurando questionar e informarem-se sobre o seu desempenho, de forma a acatarem críticas construtivas para melhorar a sua produtividade e colaboração entre os colegas. No contexto psicossocial, a capacidade colaborativa é imperativa. A organização e a cooperação entre os colaboradores da instituição e outros profissionais transparece nos Jovens. Daí a importância de atender a certas competências e perfis na contratação de colaboradores para a CA, visto que estes influenciam a conduta dos Jovens. Uma vez que os Jovens aqui acolhidos provêm de famílias e/ou de situações complicadas, a instituição deve assegurar não só o seu bem-estar como potenciar o Jovem a seguir um caminho melhor e a ser mais seguro de si mesmo. Com isto, os profissionais que se propuserem a defender estas causas devem ser resilientes para que não se deixem vencer pela fadiga e pressão que caracterizam as exigências destas áreas sociais.

Ao longo do estágio ouvi a seguinte expressão dirigida aos Jovens: “tens a sorte de terem dado uma segunda oportunidade”. Tal fez-me refletir, mas será mesmo sorte ou um direito? Estes Jovens carregam o peso de um meio familiar precário que lhes origina insegurança, traduzindo-se nos seus comportamentos, por vezes, desviantes. Constatei a necessidade de investir na proximidade e confiança com os Jovens de modo a conceder-lhes a devida estabilidade e segurança que necessitam. A realização de atividades em grupo, como jogos e outras tarefas, são sugestões que considero relevantes para fomentar a proximidade com os colaboradores e Jovens. Sugiro também a integração de alguns hábitos subtis que de certo modo moldam e instruem os Jovens para o desenvolvimento do pensamento abstrato e para potencializar a argumentação sobre o mundo. Tal poderá ser alcançado através do acompanhamento das notícias às refeições ou noutros espaços como nas salas dos educadores, o que indiretamente fará com que os Jovens escutem as mesmas e sejam, inconscientemente, estimulados, dado que estas salas são muitas vezes procuradas pelos Jovens pela simples companhia dos colaboradores. Acredito que estes pequenos hábitos poderão surtir efeitos positivos e despoletar algumas curiosidades nos Jovens, com o intuito de reconhecerem a existência de outros “mundos” que não os deles e a variedade de oportunidades no mundo. Estes hábitos apesar de subtis, farão com que haja assuntos em comum que facilitarão a comunicação e relação entre os colaboradores e os Jovens. As atividades coletivas entre os colaboradores e

os Jovens contribuem para a criação de relações próximas de confiança entre estes, o que consequentemente origina maior segurança nos Jovens.

O ideal seria trabalhar junto das famílias dos Jovens, no entanto, muitas das vezes, isso é impossível. Tendo em conta esta fragilidade, não se deve tratar o Jovem como um ser isolado sem família, pois apesar de ausente, a mesma existe e contribui para a história pessoal e evolutiva do Jovem. Percebe-se, também, a relevância do fator família no discurso que os Jovens têm, como tive oportunidade de presenciar.

O papel do psicólogo nestas instituições é de uma importância acrescida, centrando-se na atenção plena a todos os fatores circundantes de cada Jovem e na comunicação entre os Jovens, famílias, colaboradores, escola e outros profissionais. Trata-se de um trabalho exigente que, se superadas as advertências, poderá originar excelentes resultados e traduzir-se positivamente na vida dos Jovens.

Durante este ano letivo fui exposta a muitos desafios que me motivaram para melhorar e instruir-me mais. Julgo ter tido uma oportunidade única ao ser exposta a diferentes áreas e diferentes contextos que me possibilitaram conhecer a diversidade de profissionais. Constatei a importância do trabalho realizado pelos psicólogos nas diferentes áreas de intervenção, sem nunca menosprezar nenhuma destas. Apercebi-me da importância acrescida sobre o olhar a pessoa no seu todo, a nível pessoal, familiar, social e de desenvolvimento. Aprendi a ter um olhar mais amplo e detalhado sobre os comportamentos das pessoas e as suas motivações.

Agora, terminado este percurso, após ter experienciado os contextos de estágio em que me inseri e por ter superado as adversidades encontradas, reconheço que o estágio curricular permitiu aprofundar conhecimentos adquiridos na formação académica, refletir sobre as histórias de vida, sentimentos, pensamentos e expectativas futuras das pessoas com quem estive em contacto. Foi uma experiência extremamente enriquecedora, tanto a nível profissional como pessoal.

O apoio demonstrado pelos meus colegas estagiários no CJSJ, colaboradores, e, sobretudo, a atenção e dedicação da Dra. Fabrizia foram fundamentais para a conclusão deste percurso. Permitiu-me entender que uma formação por si só é apenas a estrutura base para se ser um bom profissional, ao que juntando-se a dedicação, o empenho e o estudo individual conseguir-se-á atingir um patamar de excelência profissional. Em especial na área da Psicologia, o estudo nunca deve cessar e, apesar de haver momentos de frustração, estes devem

ser reconhecidos e geridos do melhor modo. Tal faz-me refletir sobre a credibilidade das pessoas que terminam o curso e que mais tarde são aceites na Ordem dos Psicólogos. A Psicologia está em constante evolução e requer uma formação contínua ao longo da carreira profissional, quer através da leitura ou formações. Concluo, assim, que para ser um bom profissional é necessário dedicação e estudo contínuo.

Referências Bibliográficas

- Achenbach, T. M., Rescorla, L. A., Dias, P., Ramalho, V., Lima, V. S., Machado, B. C., & Gonçalves, M. (2014). *Manual do Sistema de Avaliação Empiricamente Validado (ASEBA) para o Período Pré-Escolar e Escolar: Um Sistema Integrado de Avaliação com Múltiplos Informadores*. Portugal: Psiquilibrios Edições
- Andolfi, M., & Mascellani, A. (2012) *Historias de la Adolescencia: Experiencias en terapia familiar*. Barcelona: Editorial Gedisa.
- Barbosa, M. R., Matos, P. M., & Costa, M. E. (2011) Um olhar sobre o corpo: O corpo ontem e hoje. *Psicologia & Sociedade*; 23 (1), 24-34
- Bowen, M. (1978). *Family Therapy in Clinical Practice*. Acedido a 6 de Novembro. 2020. Disponível em: https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=4g7PdF6oW6EC&oi=fnd&pg=PP1&dq=Family+therapy+in+clinical+practice&ots=OOhB1Pdsqj&sig=8wzKspdGrzFBjjXn7T9ZmI1TRzg&redir_esc=y#v=onepage&q=Family%20therapy%20in%20clinical%20practice&f=false
- Centro Juvenil de São José (s.d.). Acedido a 6 de Novembro. Retirado de: <http://www.cjsj.pt>
- Centro Juvenil de São José. (2016). Regulamento Interno: resposta social de lar de infância e Juventude. Aprovado a 20 de maio de 2016
- Centro Juvenil de São José. (2018). Modelo Sócio-Educativo: resposta social de lar de infância e juventude.
- Decreto Lei nº 147/99 de 1 de Setembro, artigo 3º, alínea 1, da Assembleia da República. Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa: Ministério Público (1999). Acedido a 6 de Novembro. 2020. Retirado de: <http://www.pgdlisboa.pt/>
- Decreto Lei nº 26/2018, de 5 de Julho, artigo 60º, alínea 3, da Assembleia da República. Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa: Ministério Público (2018). Acedido a 6 de Novembro. 2020. Retirado de: <http://www.pgdlisboa.pt/>
- Decreto Lei nº 332-B/2000, de 30 de dezembro da Assembleia da República. Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa: Ministério Público (2018). Acedido a 6 de Novembro. 2020. Retirado de: <http://www.pgdlisboa.pt/>

- Delgado, P., Carvalho, J. M. S., & Correia, F. (2019). Viver em acolhimento familiar ou residencial: O bem-estar subjetivo de adolescentes em Portugal. *Psicoperspectivas*, 18(2), 86-97. doi: 10.5027/psicoperspectivas-Vol18-Issue2-fulltext-1605
- Figueira, M. L., Sampaio, D., & Afonso, P. (2015) *Manual de Psiquiatria Clínica*. Lisboa: Grupo Lidel.
- Gaspar, T., & Matos, M. G. D. (2015). “Para mim é fácil”: Escala de avaliação de competências pessoais e sociais. *Psicologia, saúde & doenças*, 16(2), 195-206.
- Leloux-Opmeer, H., Kuiper, C., Swaab, H., & Scholte, E. (2016). Characteristics of children in foster care, family-style group care, and residential care: A scoping review. *Journal of child and family studies*, 25(8), 2357-2371. doi: 10.1007/s10826-016-0418-5
- Lemos, S. C. A., Gechele, H. H. L., & Andrade, J. V. (2017). Os Vínculos Afetivos no Contexto de Acolhimento Institucional: Um Estudo de Campo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 33 (3334), 1-10. Doi: 10.1590/0102.3772e3334
- Lira, J., Pereira, M. K. S., & Fell, A. F. A. (2017). A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros. *Navus*, 7(2), 124-129, doi: 10.22279/navus.2017.v7n2.p124-129.512
- Lopes, A. L., & Cruz, J. Z. (2015). Bem-estar de Jovens Institucionalizadas: do Dizer de Profissionais à Intervenção de Aceitação e Comprometimento. In Anastácio, Z.; Carvalho, G.; Pereira, B. (Eds.) (2015). *Atividade Física, Saúde e Lazer Desenvolvimento das Crianças e Problemáticas Relacionadas com a Saúde*. Saarbrücken, Novas Edições Acadêmicas, pp. 137-160.
- Mota, C. P., & Matos, P. M. (2010). Adolescentes institucionalizados: O papel das figuras significativas na predição da assertividade, empatia e autocontrolo. *Análise Psicológica*, 28(2), 245-254.
- Município de Guimarães. (s.d.) *Guimarães Acolhe*. Acedido a 24 de Setembro. 2020. Retirado de <https://www.cm-guimaraes.pt/municipio/camara-municipal/servicos/acao-social/area-do-desenvolvimento-e-recursos-sociais/rede-social/guimaraes-acolhe>

- Ordem dos Psicólogos Portugueses (2020), Recomendações para Pais, Cuidadores e Professores. Acedido a 24 de Setembro. 2020. Retirado de: https://www.ordemdospsicologos.pt/.../covid_19_cyberbullying_pais.pdf
- Peleg, O. (2002). Bowen Theory: A Study of Differentiation of Self, Social Anxiety, and Physiological Symptoms. *Contemporary Family Therapy*. 24. 355-369. 10.1023/A:1015355509866.
- Quintero, J. (2019) *O Cérebro Adolescente: Uma mente em construção*. Espanha: Atlântico Press.
- Raguso, F. (in press) O lugar da família na intervenção nas dependências in Dias, P. (ed.) *Velhas e novas dependências*.
- Raguso, F. (2015) Adolescência e Família: construindo complexidade in Esteves, A. et al., *Dos Riscos à Criminalidade*. Braga: Faculdade de Ciências Sociais UCP. pp. 63-73 ISBN: 978-989-95645-1-0
- Romagnolli, V.; Gomes, R. & Caniato, A. (2016) Adolescentes na contemporaneidade: desdobramentos subjetivos do (des)investimento no virtual. *Contextos Clínicos*, 9(1), 133-146. doi: 10.4013/ctc.2016.91.12
- Sanvicente, J. S. (2019). A terapia familiar multigeracional. Instrumentos e recursos do terapeuta. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 27(62), 132-133.
- Soares, M. L. C., Russo, M. T., Chirinhos, M. P., & Quiroga, M. F. (2006) *Expressões do corpo*. Porto, Portugal: Fundação Eng. António de Almeida.
- Tinoco, V. & Franco, M. (2011) O luto em instituições de abrigo de crianças. *Estudos de Psicologia*, 28 (4), 427-434. doi: 10.1590/S0103-166X2011000400003

Anexos

Anexo A - Guião de Levantamento de Necessidades (Psicóloga)

Este guião tem como finalidade compreender o funcionamento da instituição, o papel desempenhado pela psicóloga, assim como os modelos teóricos utilizados. Os dados obtidos não serão divulgados, uma vez que serão utilizados apenas para fins académicos.

Caracterização da entrevistada

- Habilitações profissionais:
- Experiência profissional:

Papel desempenhado

- a) Qual a função que desempenha na instituição?
- b) Qual é a sua área de formação? Tem alguma especialização?
- c) Há quanto tempo trabalha nesta instituição?
- d) Quais as suas funções nesta instituição?
- e) Como é para si trabalhar nesta instituição?
- f) Conte-me como é a relação entre as diferentes áreas e colaboradores (entre valências, psicologia, educadores, equipa de apoio...)?
- g) De acordo com a sua experiência profissional em outros locais, que oportunidades ou constrangimentos encontra nesta instituição?
- h) Como descreve os serviços de psicologia nesta instituição?
- i) Do seu ponto de vista, quais são as principais necessidades do serviço de psicologia?
- j) Quais as necessidades existentes na instituição que considera mais pertinentes?
- k) No ponto de vista da instituição, em que medida é que um estagiário no local pode ser útil de momento?

Intervenção e acompanhamento

- a) Rege-se por algum modelo teórico em particular?
- b) Ajusta o seu modelo de intervenção de acordo com a problemática da criança/jovem?
- c) Existe algo que queira acrescentar?

Anexo B - Guião de Levantamento de Necessidades (Equipa Técnica, Equipa Educativa e Equipa de Apoio)

Este guião tem como finalidade compreender o funcionamento da instituição e o papel da Psicologia nesta. Os dados obtidos não serão divulgados, uma vez que serão utilizados apenas para fins académicos.

Caracterização da entrevistada

- Habilitações profissionais:
- Experiência profissional:

Papel desempenhado

- a) Qual a função que desempenha na instituição?
- b) Qual é a sua área de formação? Tem alguma especialização?
- c) Como aplica a sua área de formação na função que desempenha?
- d) Há quanto tempo trabalha nesta instituição?
- e) Qual ou quais as suas funções nesta instituição?
- f) Que outros serviços/funções existem nesta instituição?
- g) Como é para si trabalhar nesta instituição?
- h) Conte-me como é a relação entre as diferentes áreas e colaboradores (entre valências, psicologia, educadores, equipa de apoio...)?
- i) De acordo com a sua experiência profissional em outros locais, que oportunidades ou constrangimentos encontra nesta instituição?
- j) Do seu ponto de vista, quais são as principais necessidades no âmbito da psicologia?
- k) Quais as necessidades existentes na instituição que considera serem as problemáticas mais prioritárias?
- l) No ponto de vista da instituição, em que medida é que um estagiário no local pode ser útil de momento?
- m) Existe algo que queira acrescentar?

Anexo C - Guião de Levantamento de Necessidades (Crianças e Jovens institucionalizados)

Este guião tem como finalidade compreender o funcionamento da instituição e as competências dos Jovens. Os dados obtidos não serão divulgados, uma vez que serão utilizados apenas para fins académicos.

Papel desempenhado

- a) De uma forma geral, o que achas da CA?
- b) Quais são as atividades da CA que mais gostas?
- c) Existe alguma atividade da CA que não gostas?
- d) Conta-me como é o teu ambiente diário na CA?
- e) Como te relacionas com a equipa que te acompanha na CA?
- f) O que é que achas mais positivo na CA?
- g) Existe algo que melhorarias na CA?
- h) Conta-me como gostarias que fosse?
- i) Como te caracterizas?
- j) Como te vês em relação aos teus amigos? E na CA?
- k) Que dificuldades encontras no teu dia-a-dia?
- l) Existe algo que queiras acrescentar?

Anexo D - Guião de Levantamento de Necessidades (Diretor Executivo do CJSJ)

Este guião tem como finalidade compreender o funcionamento da instituição e o papel da Psicologia e dos Psicólogos nesta. Os dados obtidos não serão divulgados, uma vez que serão utilizados apenas para fins académicos.

- a) Qual é a sua área de formação?
- b) Como aplica a sua área de formação na função que desempenha?
- c) Qual a sua experiência nesta área de trabalho?
- d) Há quanto tempo trabalha no Centro Juvenil de S. José?
- e) Que funções desempenha como Diretor Executivo?
- f) Que desafios encontra no desempenho das suas funções?
- g) Como caracteriza a relação entre todos os profissionais da instituição e as respetivas valências sociais?
- b) De acordo com a sua experiência profissional em outros locais, que oportunidades ou constrangimentos encontra nesta instituição?
- h) Como avalia o funcionamento do CJSJ?
- c) Como avalia a importância da psicologia nesta instituição?
- d) Do seu ponto de vista, quais são as principais necessidades no âmbito da psicologia?
- e) Quais as necessidades existentes na instituição que considera serem as problemáticas mais prioritárias?
- f) No ponto de vista da instituição, em que medida é que um estagiário no local pode ser útil de momento?
- g) Existe algo que queira acrescentar?

Anexo E – Relatório de Avaliação Psicológica (Testes ASEBA) de “A”

“A” tem 16 anos de idade e frequenta o 9º ano de escolaridade. Foi atendido pela primeira vez no Serviço de Psicologia do Centro de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental do Centro Juvenil de S. José no final do ano de 2019, a pedido do Diretor Técnico da Casa de Acolhimento (C.A.) onde o adolescente reside, com o propósito de obter uma avaliação do funcionamento global.

Tendo em conta este pedido inicial, procedeu-se a uma Avaliação Psicológica, com recurso à bateria ASEBA, que inclui:

- YRS (“A”)
- CBCL (Técnica Gestora e Educador de Referência)
- TRF

O questionário TRF ainda não foi preenchido, pelo que, este relatório ir-se-á focar na análise dos restantes questionários (YRS e CBCL). Através da cotação das provas CBCL, preenchidas pelo Educador de Referência e pela Técnica Gestora da C.A., foi possível verificar algumas diferenças significativas nas escalas de Síndromes. O questionário preenchido pelo Educador reportou nível clínico nas escalas de Internalização e Externalização, sendo esta última a mais elevada. Enquanto, a Técnica Gestora atribuiu à escala de Internalização nível normativo, no entanto, concordando no nível clínico na escala de Externalização. No YSR, “A” também cotou a estas escalas os mesmos níveis que a Técnica Gestora reportou. Quanto às escalas de Competências, os três informadores reportaram níveis normativos para as mesmas.

O perfil da Técnica Gestora apresentou valores normativos em todas as escalas incluídas na escala da Internalização, sendo a escala Problemas de Pensamento a mais elevada. Quanto às escalas que remetem para a escala de Externalização; a escala de Comportamento Delinvente situa-se no nível *borderline*¹ e a escala de Comportamento Agressivo, no nível clínico. O nível clínico apresentado na escala de Comportamento Agressivo é congruente entre os três informadores.

O perfil preenchido pelo Educador reporta, também, no nível clínico as Queixas Somáticas. As restantes escalas estão no nível normativo, à exceção da escala de Problemas de Pensamento que está identificada no nível *borderline*¹. É de notar, que nas escalas que se encontram normativas existe uma elevação da escala de Isolamento/Depressão.

Na YSR, o “A” reporta nível normativo para todas as escalas, à exceção da escala do Comportamento Agressivo, como descrito anteriormente, que se apresenta no nível clínico. Das escalas que se encontram no nível normativo, “A” apresentou pontuações mais elevadas nas escalas de Isolamento/Depressão e Problemas de Pensamento.

Em suma, constata-se que os informadores apresentam algumas preocupações comuns, com destaque para o comportamento agressivo e comportamento delinquente. Contudo, será importante ter em conta o Isolamento/Depressão e Problemas de Pensamento, uma vez que, apesar de se situarem em nível normativo, foram parâmetros assinalados com uma pontuação elevada por diferentes informadores. Os resultados obtidos deverão ser considerados na elaboração de um plano terapêutico, não descartando aqueles que se encontram no nível normativo.

¹ O intervalo *borderline* define resultados que são suficientemente altos, devendo ser alvo de preocupação, embora não se desviem tão significativamente para serem enquadrados no nível clínico.

Anexo F – Relatório de Consulta de “A”

Objetivos:

Identificação das áreas a intervir através de uma análise *SWOT*

Motivar o Jovem para a mudança

Descrição da situação:

“A”, à hora da consulta encontrava-se à porta do estabelecimento a bater na mesma para que pudesse entrar, forçava a porta que se encontrava trancada e batia na mesma, após a Dra. ter dito ao mesmo que esperasse. Aquando a ida da Dra. para abrir a porta, o mesmo já se encontrava a ir embora, contudo voltou para trás e entrou no gabinete. Apesar da sua impaciência, “A” encontrava-se colaborativo e pretendia usufruir da consulta, como também o verbalizou. Tal comportamento pode ser proveniente da Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção que o mesmo tem diagnosticado, uma vez que reage de forma impulsiva. É de ter em atenção que existem comorbidades com esta perturbação, como a Perturbação de Oposição e Desafio que o Jovem parece exibir no momento. Contudo, não se deverá precipitar o diagnóstico uma vez que se deve analisar melhor a história envolvente do Jovem, e deve-se ter em conta que a Perturbação de Oposição e Desafio é muitas vezes um sintoma e não a dita Perturbação.

“A”, apesar do seu estilo desafiante, mostrou-se muito colaborativo e motivado. Apresentou uma postura tímida, tapando por vezes a cara com a roupa e cabelo, e revelou-se inquieto, o que é habitual no comportamento do Jovem. Apesar disto, mostrou-se responsivo e empenhado.

Esta consulta, consistiu na elaboração de uma análise *SWOT* preenchida por “A”. O Jovem primeiro foi lembrado sobre a tarefa de casa que tinha ficado de realizar. Esta tarefa consistia em refletir de que modo é que as consultas de psicologia o poderiam beneficiar. “A” alegou não se recordar da tarefa e, mais tarde, quando lembrado, afirmou que se tinha esquecido. Aquando solicitado para refletir e responder à questão no momento, “A” mostrou dificuldades. De modo a auxiliar o Jovem nesta reflexão, prosseguiu-se para a atividade de fazer uma autoanálise *SWOT*. “A” mostrou dificuldades no preenchimento da análise, tendo tido maior dificuldade no preenchimento da área relativa às suas forças. Nesta área, “A” identificou a inteligência e admitiu sentir dificuldades na identificação de mais forças. Já na área das fraquezas, “A” foi mais responsivo, tendo sido mais rápido na identificação das mesmas. O

Jovem identificou como fraquezas: o comportamento, a paciência, o desafio e a impulsividade. Com isto, prosseguiu-se à exploração destes construtos, uma vez que o mesmo estava a ter dificuldades no preenchimento da tabela. Nesta exploração, o Jovem disse não ter paciência quando tenta explicar algo a alguém e o mesmo não entende, o que faz com que se sinta gozado e por isso age na impulsividade e agride verbalmente a pessoa e, por vezes, fisicamente. Esta descrição e frustração vai de encontro a acontecimentos que envolvem um outro Jovem na CA, pois “A” afirma não entender como é que temas que para ele são simples, não são tão facilmente compreendidos pelos outros. Apresenta-se uma necessidade de elucidar o Jovem, explicando que as pessoas são diferentes e que o nível de inteligência e compreensão varia de pessoa para pessoa, pelo que por vezes existem pessoas que não têm a mesma capacidade para compreender. “A” afirmou entender isso, mas que se sentia da mesma forma frustrado, porque tem a percepção que gozam com ele. De seguida, admitiu desafiar as pessoas, mesmo que depois acabe por fazer o que lhe foi pedido, dando exemplos de quando alguém o manda arrumar o quarto, o mesmo diz que não, mas depois vai arrumar. “A” declarou que não sabia porque o fazia, mas que o fazia, apesar de acabar sempre por obedecer às ordens. É importante, ter em consideração a perturbação do Jovem, pois traduz-se na dificuldade da manutenção de uma relação. Uma hipótese para estes comportamentos reside nesta mesma dificuldade de manter relações que leva a que “A”, para que não as perca, tente manter o vínculo através de comportamentos desajustados, porque só assim se sente integrado numa relação.

Conclusão:

Após a análise *SWOT*, “A” concluiu que queria ajuda psicológica para a impulsividade, a paciência e o desafio, verbalizando “só estes”, acabando por excluir o comportamento. O trabalhar nos parâmetros da impulsividade, paciência e desafio, implica a mudança de comportamento, contudo o Jovem parece estar a tentar não se comprometer à mudança de comportamento, talvez por receio. A consulta terminou com a atribuição de uma tarefa para casa, que consistia numa tabela que “A” teria que preencher sempre que se sentisse gozado, de modo a desconstruir esta centralidade no eu.

Seria benéfico articular melhor com outras figuras na vida de “A” para entender melhor o comportamento do mesmo nos diferentes contextos. Tendo em conta a medicação que o Jovem toma, a hora a que toma pode ditar muito do comportamento do mesmo, pelo que um melhor entendimento de todas estas áreas poderá beneficiar a intervenção terapêutica.

“A” mostra *insight* para o seu comportamento, contudo, talvez esteja a necessitar de um *insight* da sua perturbação que poderá atenuar certas atitudes através da consciencialização da sua perturbação e conduta.

Anexo G - Relatório da 2ª Consulta de “A”

Objetivo:

Motivar o Jovem para a mudança

Explorar a motivação dos comportamentos impulsivos do Jovem

Descrição da situação:

À semelhança da última consulta, “A” chegou atrasado à mesma, o que demonstra o seu desinteresse. Quando “A” chegou, faltavam apenas 20 minutos para que a sua consulta terminasse o que limitou o trabalho realizado na mesma. Deu-se início a esta, relembrando a importância de chegar a horas e que devido ao atraso, agora teria pouco tempo para usufruir da consulta. De seguida, “A” foi lembrado da tarefa para casa da última sessão. “A” revelou apenas ter mencionado uma situação de impulsividade, apesar de com certeza haver mais situações identificadas pelo mesmo. As faltas de empenho nas tarefas para casa parecem revelar um certo desinteresse ou falta de colaboração, o que prejudica a terapia realizada com o mesmo e não permite atingir os objetivos estipulados.

No decorrer da consulta, “A” expôs uma situação de impulsividade. Esta situação resultou de uma discussão com a mãe onde esta dizia que o Jovem se encontrava com otite e “A” respondia que não, justificando ser da operação feita ao ouvido. Devido à frustração sentida, “A” resolveu fazer silêncio, ignorando a mãe.

Com base neste acontecimento, explorou-se e comparou-se esta situação com outras que acontecem na Casa de Acolhimento, realçando os conflitos que existem entre “A” e um Jovem mais novo, questionando as estratégias que este usa com eles. “A” referiu utilizar insultos e agressão física, justificando que isso acontece porque sente que o Jovem goza com ele. Insistiu na premissa de que sempre que tenta ensinar ou explicar algo ao Jovem, o mesmo não entende, e para “A”, o que este ensina, é “muito fácil” para que a outra pessoa não entenda.

Conclusão:

Tendo em conta os temas abordados ao longo da consulta, explorou-se os vários contextos e o modo como as pessoas percebem o “A”. Contudo, devido ao tempo limitado da consulta, converteu-se esta atividade numa tarefa reflexiva para trabalho de casa. Esta tarefa consiste na autorreflexão de “A” sobre como determinadas pessoas nos diferentes contextos (Escola, Casa de Acolhimento e na sua casa de origem) o descrevem.

Anexo H – Relatório de Avaliação Psicológica (Testes ASEBA) de “B”

O “B” tem 14 anos de idade e frequenta o 7º ano de escolaridade. Foi atendido pela primeira vez no Serviço de Psicologia do Centro de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental do Centro Juvenil de S. José no final do ano de 2019, a pedido do Diretor Técnico da Casa de Acolhimento (C.A.) onde o adolescente reside, com o propósito de obter uma avaliação do seu funcionamento global.

Tendo em consideração este pedido inicial, procedeu-se a uma Avaliação Psicológica, com recurso à bateria ASEBA, que inclui:

- YRS (“B”)
- CBCL (Técnica Gestora e Educadora de Referência)
- TRF (Professora)

Através da cotação das provas CBCL, preenchidas pela Educadora de Referência e pela Técnica Gestora da C.A., foi possível verificar diferenças significativas em ambas as escalas, a de Competências e a de Síndromes. Nas escalas de Competências, verificam-se níveis clínicos nas escalas Escola e Social, sendo esta última assinalada apenas na prova preenchida pela Técnica Gestora. O perfil preenchido pela Professora apresenta valores clínicos no Rendimento Académico, e na escala de Funcionamento Adaptativo apresenta nível *borderline*¹, atribuindo uma maior ênfase ao item Comportamento Adequado.

Relativamente às escalas de Síndromes, foi obtida pontuação mais elevada das escalas de Externalização, apesar de esta ser a mais elevada, a Internalização também apresentou níveis clínicos. Isto foi evidente no perfil preenchido pela Técnica Gestora, pela Educadora de Referência e pelo “B”. No perfil preenchido pela Professora, estes valores divergem, reportando a Internalização no nível *borderline*¹.

O perfil descrito pela Técnica Gestora apresenta valores *borderline*¹ nas escalas Ansiedade/Depressão e Comportamento Delinquente. Já as cotações no perfil preenchido pela Educadora de Referência indicam valores normativos na primeira escala. No entanto, também reportou a escala de Comportamento Delinquente no nível *borderline*¹, juntamente com o Comportamento Agressivo, os Problemas Sociais e Problemas de Atenção. No perfil preenchido pela Técnica Gestora estas escalas (Comportamento Agressivo, Problemas Sociais, e Problemas de Atenção) cotam valores mais elevados, que se encontram no nível clínico. As

restantes escalas, para ambas informadoras, apresentam estar no nível normativo, à exceção da escala Problemas de Pensamento. Ainda no perfil preenchido pela Técnica Gestora a escala Problemas de Pensamento está no nível clínico, e o da Educadora no nível normativo. Em concordância com a Educadora, o perfil preenchido por “B” cotou esta escala e as escalas de Isolamento/Depressão e Comportamento Delinvente no nível normativo, estando esta última em desacordo com ambas as informadoras. “B” reportou níveis clínicos na escala Problemas Sociais e Problemas de Atenção. Na YSR, “B” também apresentou no nível *borderline*¹ as escalas de Ansiedade/Depressão e Queixas Somáticas. A TRF da Professora de “B” apresenta valores consideravelmente inferiores do que aqueles apresentados pelas restantes informadoras. No perfil da Professora de “B” as escalas de Problemas Sociais e Comportamento Agressivo estão no nível *borderline*¹ e as restantes escalas apresentam-se no nível normativo. De referir que é importante ter em consideração os diferentes contextos no qual “B” se insere, considerando a interação e contacto que tem com os diferentes informadores.

Em suma, considera-se que os diferentes informadores ao qual se aplicou o presente instrumento apresentam algumas preocupações comuns, sendo estas o comportamento agressivo e os problemas sociais. É necessário que se aprofunde melhor certos parâmetros com os informadores para obter mais informação a ponto de compreender o fundamento das suas preocupações relativas a “B”. Relembra-se que a incongruência encontrada entre os informadores pode dever-se aos diferentes contextos no qual o Jovem se insere com estes. Apesar disto, os resultados obtidos, sejam os que são entre si consonantes, sejam os que divergem, deverão ser considerados na elaboração do plano de intervenção.

¹ O intervalo *borderline* define resultados que são suficientemente altos, devendo ser alvo de preocupação, embora não se desviem tão significativamente para serem enquadrados no nível clínico.

Anexo I – Relatório de Consulta de “B”

Descrição da situação:

“B” encontrava-se mais retraído e assim que entrou no gabinete questionou se a Dra. da CA tinha contactado com a Dra., ao que se respondeu que não e perguntou-se porquê. “B” não se sentia à vontade em comunicar o motivo, dizendo que não saberia explicar. Posteriormente, o Jovem conseguiu explicar o problema, e afirmou que os seus comportamentos desajustados na escola e na Casa de Acolhimento eram devido a pensamentos que tem tido sobre acontecimentos de maus-tratos que aconteceram no passado.

“B”, no dia anterior, visitou a sua irmã numa outra cidade, com a presença da Equipa Técnica para que esta avaliasse o meio de onde o Jovem veio e a casa da sua família. Recordo que este Jovem não tem autorização do tribunal para ir à família aos fins-de-semana ou nas férias.

“B” admitiu que desde janeiro que tem tido pensamentos negativos e más memórias recorrentes sobre o seu passado, quando sofreu maus-tratos. O Jovem referiu que a primeira vez que teve estes pensamentos foi quando estava a brincar com colegas na escola e que a última vez tinha sido no dia anterior à consulta. “B” proferiu, também, que desde que o seu avô sofreu de um segundo AVC, que começou a recordar estas memórias. É provável que este acontecimento tenha sido o fator precipitante para o recordar destas memórias, mas tendo em conta a idade do Jovem (14 anos de idade, com défice cognitivo), este também pode estar agora a fazer a transição do pensamento concreto para o pensamento abstrato e encontra-se então a maturar as suas vivências e atribuir-lhes significados.

“B” nunca conheceu a mãe e culpabiliza o pai disto. O Jovem vivia com o avô, a sua parceira a quem chama de “mãe”, a irmã e os tios, também jovens. A irmã não falava com o avô e a “mãe”, pois estes últimos culpabilizavam-na de os jovens terem sido retirados. No entanto, após a visita à irmã, “B” informou que já se falavam.

O Jovem proferiu que se sentia muito incomodado quando falavam da sua mãe e quando o insultavam com palavras como “burro”, “palhaço” e “filho da p***”. “B” referiu que são 5 os jovens na Casa de Acolhimento que têm esse comportamento e 1 rapaz na escola. “B” tem *insight* do seu estado e pede ajuda para que não tenha estes pensamentos. O Jovem reconhece que quando o insultam ou falam da sua família, tem atitudes que não devia e tenta evitar estes comportamentos desajustados, mas refere que por vezes não consegue, acabando por agredir física e verbalmente o outro.

Conclusão:

Tendo em consideração a problemática abordada na consulta atribuiu-se uma tarefa para casa ao Jovem. Esta tarefa consiste no preenchimento de uma folha com uma tabela de registo de pensamentos adaptada para o mesmo. “B” terá de registar o pensamento, o que estava a fazer no momento, o que fez (o pensamento positivo) e como se sentiu. O Jovem parece necessitar de uma intervenção que aborde a ressignificação dos acontecimentos e que organize os acontecimentos e a sua história familiar porque o mesmo se encontra baralhado, tendo verbalizado sobre a parceira do avô “a minha mãe ou não sei bem o que é para mim”. Isto, para além de outras intervenções que incidam na cognição e comportamento.

Anexo J – Relatório de Consulta de “C”

Objetivo:

Promover a reflexão sobre o futuro

Definir objetivos e consciencializar sobre o seu Projeto de Vida

Descrição da situação:

Esta sessão tinha como objetivo continuar a trabalhar o Projeto de Vida de “C”, no entanto tal não foi possível porque o Jovem direcionou a consulta para observações que tinha feito sobre si mesmo, gerando um momento de autorreflexão da sua evolução. “C” relatou acontecimentos no seu dia-a-dia que o faziam refletir e sentia-se cada vez mais apto e capaz de lidar com as advertências que encontra na vida. O Jovem mencionou um acontecimento na escola em que teve de se ausentar da sala de aula devido a um ataque de ansiedade, relatando que consegue controlar e prever estas situações cada vez melhor. “C” afirmou que já consegue reconhecer os ataques de ansiedade, identificando as palpitações no coração como o início do mesmo. O Jovem, ao contrário do que antigamente pensava, agora visualiza os ataques de ansiedade como um acontecimento banal que faz parte da sua vivência. “C” afirmou que necessita de cerca de 10 minutos para se acalmar e que usa as estratégias que adquiriu ao longo das consultas. Indicou as estratégias que utiliza como: primeiro, focar na respiração, fechar os olhos e controlar a respiração; de seguida, pensar em pensamentos positivos sempre que surgirem pensamentos negativos. Além dessas estratégias, também mencionou o exercício físico, como as caminhadas e a prática de ténis como forma de combater a ansiedade que sente. “C” tem *insight* da sua condição e estava bastante colaborativo e satisfeito com o trabalho que tem vindo a realizar. O Jovem foi reforçado positivamente, fazendo-se alusão para o trabalho realizado pelo mesmo, concedendo-lhe esse mérito e responsabilizando-o pelos seus sucessos, o que suscitou um momento de orgulho para “C”.

Conclusão:

Apesar de, como planeado, não se ter trabalhado o Projeto de Vida, é de notar a relevância da consulta, atendendo às necessidades do Jovem. Esta consulta serviu como validação do trabalho realizado para colmatar os problemas de ansiedade que “C” apresentava no início dos acompanhamentos.

Anexo K – Sessões da Intervenção de Grupo

	Objetivos	Atividades	Materiais
Sessão 1	– Identificação do grupo; – Definir regras;	(1) “ <i>As Boas-Vindas</i> ”	Quadro branco magnético, marcadores e almofada.
	– Fomentar a reflexão interpessoal; – Incentivar à responsabilidade; – Autorreflexão.	(2) “ <i>Pensando...</i> ”	Ficha de autorreflexão.

Descrição das atividades | Sessão 1:

(1) “*As Boas-Vindas*”

Tempo: 40 minutos

Inicialmente dar-se-á as boas-vindas aos participantes e convidar-se-á estes a preverem o que se irá realizar e os propósitos. Após ouvir as sugestões dos participantes, será apresentado o intuito da intervenção. De seguida e de modo a tornar o espaço da intervenção mais acolhedor e seu, prosseguir-se-á à sua decoração. Posteriormente, refletir-se-á em grupo sobre os direitos e deveres que deverão ser estipulados para assegurar o decorrer positivo da intervenção. Algumas regras serão, desde logo, estipuladas como: o que é dito no grupo fica no grupo; não há certos ou errados; não se julga; e o escutar é um dever. Será apresentada a dinâmica da almofada, que se irá utilizar ao longo das sessões. Esta dinâmica consiste em a almofada simbolizar a voz, pelo que para falar o participante terá de ter a almofada na sua posse. Contudo, nem sempre será assim, pelo que se a almofada estiver no sítio representativo do *brainstorming*, previamente estipulado, todos se poderão expressar ao mesmo tempo. De seguida, pedir-se-á a colaboração dos participantes para expressarem as suas expectativas face ao trabalho a desenvolver no decorrer da intervenção. Por fim, dar-se-á conta aos participantes sobre o cronograma da intervenção e os métodos utilizados, referindo a finalização das sessões com uma fotografia e uma ficha de autorreflexão anónima.

(2) “*Pensando...*”

Tempo: 10 minutos

Pedir-se-á aos participantes para que na próxima sessão, tragam uma música com a qual cada um se identifica e que considere a música da sua vida. Solicitar-se-á aos participantes que reflitam bem na escolha da música.

	Objetivos	Atividades	Materiais
Sessão 2	<ul style="list-style-type: none"> – Relembrar o propósito da intervenção; – Relembrar a tarefa de casa; 	(1) <i>“Rever”</i>	-
	<p>“Apelando à Criatividade”</p> <ul style="list-style-type: none"> – Estimular a expressão emocional; – Fomentar a partilha; – Reconhecer a diversidade social; – Incentivar à boa comunicação; 	(2) <i>“A minha música”</i>	Telemóvel e coluna.
	<ul style="list-style-type: none"> – Promover a coesão de grupo; – Autorreflexão. 	(3) <i>“Foto de Grupo”</i>	Telemóvel e ficha de autorreflexão.

Descrição das atividades | Sessão 2:

(1) “Rever”

Tempo: 5 minutos

Relembrar o propósito da intervenção e a tarefa de trazer a música que cada um identifica como a música deles/da vida deles.

(2) “A minha música”

Tempo: 50 minutos

Em conjunto, o grupo escutará a música que cada participante trouxer. No final, de cada música irá refletir-se e discutir-se sobre o significado da música e o porquê da escolha desta. Este debate terá como auxílio o uso da dinâmica da almofada para que todos sejam ouvidos e respeitados. Esta dinâmica fornece o direito a falar a quem tiver na sua posse a almofada.

(3) “Foto de Grupo”

Tempo: 5 minutos

Tirar-se-á uma foto em grupo e será solicitada a autorreflexão.

	Objetivos	Atividades	Materiais
Sessão 3 “Ser Raúl”	<ul style="list-style-type: none"> – Promover o autoconceito; – Estimular a autorreflexão; – Promover o espírito de grupo – Promover a reflexão sobre os sentimentos associados ao seu acolhimento; – Estimular a expressão emocional; – Compreensão e tradução da comunicação não verbal; – Fomentar a reflexão interpessoal; 	(1) “Eu...”	Quadro branco magnético, marcadores e almofada.
	<ul style="list-style-type: none"> – Fomentar a coesão de grupo; – Estimular a expressão emocional; – Autorreflexão. 	(2) “Raúl...”	Ficha de autorreflexão.

Descrição das atividades | Sessão 3:

(1) “Eu...”

Tempo: 40 minutos

Através da utilização da técnica da “escultura”, o grupo será convidado a envolver-se numa atividade prática que tem como objetivo expressar a visão que o próprio “escultor” tem da interação do sistema onde se encontra, ou seja, da Casa de Acolhimento. Os participantes envolvem-se numa expressão plástica simbólica das relações entre eles mediante a instrumentalização dos corpos. Será solicitado que representem a “escultura” atual e a “escultura” desejada. Estas “esculturas” serão analisadas em grupo através da técnica do espelho e da troca de papéis. Posteriormente, o grupo será incentivado à reflexão da atividade através de um guião de perguntas semiestruturadas:

1. O que acharam desta atividade?
2. O que pretendem comentar sobre este exercício?
3. Têm uma visão diferente, de algo novo? Entendem/veem coisas que antes não viam?

(2) “Raúl...”

Tempo: 20 minutos

Após o grupo, em conjunto, estipular a “escultura” ideal, dá-se seguimento à atividade anterior que será integrada na história de Raúl. Posteriormente, explorar-se-á, em grupo, as emoções que estes sentiram na sua entrada na Casa de Acolhimento, através de uma paleta de caras animadas que ilustrem emoções. De seguida, tirar-se-á uma foto em grupo e será solicitada a sua autorreflexão.

	Objetivos	Atividades	Materiais
Sessão 4 “As raízes de Raúl”	<ul style="list-style-type: none"> – Promover a identificação social e o sentimento de pertença; – Promover a expressão e interiorização de acontecimentos de vida relacionados aos marcos históricos da sua vida 	(1) <i>“A árvore de Raúl”</i>	Folhas e material de escrita.
	<ul style="list-style-type: none"> – Incitar ao compromisso; – Incitar à identificação e análise social – Autorreflexão. 	(2) <i>“Relembrar...”</i>	Ficha de autorreflexão.

Descrição das atividades | Sessão 4:

(1) “A árvore de Raúl”

Tempo: 40 minutos

Através de uma atividade mais prática solicitar-se-á aos Jovens que realizem um genograma. Esta atividade pretende fornecer aos participantes uma visão geral do seu meio familiar e situá-los dentro da sua história familiar.

De seguida, numa folha estará uma lista por preencher sobre a qual os participantes terão de refletir acerca dos 3 momentos mais marcantes da sua vida e assinalá-los. Esta lista não será partilhada com o grupo, mas servirá de inspiração para o resto da atividade, onde os mesmos poderão projetar-se na personagem fictícia. Posteriormente, em grupo ir-se-á debater e decidir quais serão os 3 momentos mais marcantes da vida de Raúl. No seguimento deste pensamento, pedir-se-á aos participantes que reflitam sobre as pessoas mais marcantes e importantes que encontraram ao longo das suas vidas.

(2) “Relembrar”

Tempo: 10 minutos

Pedir-se-á aos participantes para que, na próxima sessão, cada um traga uma fotografia com as pessoas que são importantes para eles ou que os marcaram, podendo ser família ou amigos. De seguida, tirar-se-á uma foto em grupo e será solicitada a autorreflexão.

	Objetivos	Atividades	Materiais
Sessão 5	<p>“As pessoas de Raúl”</p> <ul style="list-style-type: none"> – Refletir sobre a simbologia das fotos e compreender a sua história e significados associados; – Estimular a verbalização; – Reconhecer os seus apoios sociais; – Autorreflexão 	(1) <i>“As minhas pessoas”</i>	Folhas e material de escrita, almofada, quadro branco magnético, marcadores, e ficha de autorreflexão.

Descrição das atividades | Sessão 5:

(1) *“As minhas pessoas”*

Tempo: 20 minutos

Cada participante será convidado a escrever numa folha as respostas sobre as questões colocadas sobre as fotografias que trouxeram consigo; aprofundar-se-á o momento da fotografia; quem a tirou; quem estava presente nela; quem não pôde estar; o que aconteceu; o que fez sentir e pensar, entre outras. A dinâmica da almofada estará em curso, pelo que a cada pergunta realizada, todos os membros do grupo estarão convidados a partilhar as suas respostas com os restantes membros. De seguida, vão projetar as suas vivências na história de Raúl. Nesta atividade, utilizar-se-á um *brainstorming* para determinar as pessoas importantes e as pessoas que marcaram a vida de Raúl. A atividade será finalizada com questões sobre o paradeiro dessas pessoas e o porquê das mesmas serem relevantes na história de Raúl. De seguida, tirar-se-á uma foto em grupo e será solicitada a autorreflexão.

	Objetivos	Atividades	Materiais
Sessão 6 “O Futuro de Raúl”	<ul style="list-style-type: none"> – Refletir sobre o futuro; – Definir objetivos; – Aprofundar e refletir sobre os seus objetivos e sonhos; – Promover estratégias de resolução de problemas; 	(1) <i>“Os sonhos e objetivos de Raúl”</i>	Folhas e material de escrita, almofada, quadro branco magnético, e marcadores.
	<ul style="list-style-type: none"> – Promover a coesão de grupo; – Fomentar a responsabilidade; – Autorreflexão. 	(2) <i>“Refletir”</i>	Ficha de autorreflexão.

Descrição das atividades | Sessão 6:

(1) “Os sonhos e objetivos de Raúl”

Tempo: 40 minutos

Inicialmente recapitular-se-á o trabalho realizado na sessão anterior e, de seguida, passar-se-á à atividade desta sessão. Esta atividade pretende que cada participante reflita sobre a sua história de vida, pelo que, se focará nos objetivos e sonhos que os participantes pretendem alcançar. Aqui serão trabalhados estes objetivos e sonhos e o que farão para alcançá-los. Os participantes escreverão numa folha, que lhes será entregue, os seus objetivos e sonhos, simbolizando e materializando estes. Abrir-se-á um momento de reflexão, onde os participantes serão convidados a partilhar, recorrendo ao método da almofada. Posteriormente, far-se-á um *brainstorming*, à colocação da almofada no centro, onde se irá determinar os objetivos e sonhos de Raúl. Finalizando, com quais os possíveis obstáculos que Raúl encontrará e como ultrapassá-los. Os objetivos e sonhos de Raúl, assim como os possíveis obstáculos e resoluções destes, serão escritos num quadro.

(2) “Refletir”

Tempo: 5 minutos

Pedir-se-á aos participantes para cada um trazer uma música que eles identifiquem como a música de Raúl para a sessão seguinte. Solicitar-se-á aos participantes que reflitam bem na escolha da música. De seguida, tirar-se-á uma foto em grupo e será solicitada a autorreflexão.

	Objetivos	Atividades	Materiais
Sessão 7 “A banda sonora de Raúl”	<ul style="list-style-type: none"> – Promover o sentido de responsabilidade; – Fomentar o diálogo; – Estimular a argumentação; – Promover a cooperação; 	(1) <i>“A música de Raúl”</i>	Almofada, quadro branco magnético, marcadores, telemóvel e coluna.
	<ul style="list-style-type: none"> – Promover a coesão de grupo; – Autorreflexão. 	(2) <i>“Foto de grupo”</i>	Ficha de autorreflexão.

Descrição das atividades | Sessão 7:

(1) “A música de Raúl”

Tempo: 50 minutos

Em primeiro lugar, recordar-se-á o trabalho realizado na sessão anterior e a tarefa de trazerem uma música. De seguida, o grupo escutará, ao mesmo tempo, a música que cada participante trouxe. No final de cada música irá refletir-se e discutir-se sobre o significado da música e o porquê da escolha desta. Este debate tem como recurso a dinâmica da almofada para que todos sejam ouvidos. Após se escutar todas as músicas, passar-se-á para a eleição de uma só música, como a música do Raúl. Esta escolha terá de ser uma escolha unânime, utilizando como recurso o *brainstorming*. Os participantes terão de fazer valer o seu ponto de vista e em conjunto chegar a um acordo em que todos aceitam a música escolhida.

(2) “Foto de Grupo”

Tempo: 5 minutos

Tirar-se-á uma foto em grupo e será solicitada a autorreflexão.

	Objetivos	Atividades	Materiais
Sessão 8	<ul style="list-style-type: none"> – Promover a capacidade de sintetizar ideias; – Promover a cooperação no grupo; 	(1) <i>“Flashback”</i>	-
	<ul style="list-style-type: none"> – Promover o autoconceito; – Estimular a autorreflexão; – Promover o espírito de grupo; 	(2) <i>“A evolução de Raúl”</i>	Folhas e material de escrita, almofada, quadro branco magnético, e marcadores.
	<ul style="list-style-type: none"> – Estimular a reflexão interpessoal; 	(3) <i>“E viveu feliz para sempre...”</i>	Material de desenho.
	<ul style="list-style-type: none"> – Materializar a história pessoal de cada participante; – Promover a motivação intrínseca; 	(4) <i>“Um novo começo...”</i>	-
	<ul style="list-style-type: none"> – Promover a reflexão de grupo e pessoal; – ~Promover a identificação social; – Promover a motivação intrínseca; – Autorreflexão. 	(5) <i>Conclusão</i>	Projeter, computador, coluna e ficha de autorreflexão.

Descrição das atividades | Sessão 8:

(1) Flashback

Tempo: 10 minutos

Atribuir uma sessão a cada participante e pedir que este faça um pequeno resumo do que foi desenvolvido ao longo das sessões, os restantes participantes deverão ajudar, incentivando à cooperação de grupo.

(2) “A evolução de Raúl”

Tempo: 20 minutos

Será entregue uma folha em branco aos participantes, onde os mesmos serão convidados a desenhar o seu Raúl e de seguida escreverem nessa mesma folha, as características deste.

Posteriormente, discutir-se-á em grupo como evoluiu Raúl e determinar-se-á a aparência e atitude deste, em grupo.

(3) “E viveu feliz para sempre...”

Tempo: 10 minutos

Os participantes receberão, cada um, o livro que retrata toda a história de Raúl que o grupo, em conjunto, elaborou. Estes serão convidados a visualizar o mesmo e a refletir sobre este, com o auxílio de algumas perguntas realizadas pela dinamizadora. No final deste livro estará disponível um espaço em branco para que os participantes desenhem e escrevam o Raúl que foi descrito na atividade anterior, para que todos tenham a história de Raúl igual.

(4) “Um novo começo...”

Tempo: 10 minutos

Nesta atividade, atribuir-se-á a documentação da história pessoal que cada um tem vindo a escrever de si próprio com o nome da música da sua vida, que cada um escolheu no início da intervenção, como título. Os participantes serão convidados a explorar o seu próprio documento. De seguida, entregar-se-á, de novo, as folhas desenhadas, anteriormente na sessão, aos respetivos participantes, para adicionarem ao seu documento e fazerem uma reflexão final.

(5) Conclusão

Tempo: 15 minutos

Será apresentado um vídeo que compilará as fotos de grupo ao longo das sessões, juntamente com a música que o grupo escolheu para o Raúl. Este trabalho será finalizado com uma reflexão sobre o vídeo, a intervenção e o que se retirou da mesma, acabando, por fazerem uma última reflexão sobre o nome escolhido para a personagem fictícia, fazendo alusão para o carácter palíndromo do nome da personagem, “Raúl”, e com isto, fazer uma atribuição de significados com o recurso à metáfora.

Anexo L – Grelha de Observação

Sessão n.º: _____

Nome do Jovem: _____

Nome do observador: _____

Como descreve o desenvolvimento do Jovem na sessão?

Como caracteriza a postura do Jovem na sessão?

Descreva as observações relevantes que identificou no Jovem.

Comentários:

Anexo M – Autorreflexão

Sessão número: _____

O que significou para ti esta sessão?

O que sentes?

Que pensamento retiras desta sessão?

De que forma é que esta sessão te ajudou?

Comentários ou sugestões (opcional):

Relaciona-te



Casa de Acolhimento

Índice

Introdução.....	3
O que é um vínculo afetivo?	4
Façam a diferença!	6
Adolescência.....	7
Como fazer a diferença?.....	11
Internet.....	14
Conclusão.....	17
Referências bibliográficas.....	18

2

Introdução

A **relação** é essencial na vida de todas as pessoas. As pessoas relacionam-se através da **comunicação**. Desde o momento em que nascem estão integradas num mundo em abertura com os outros e em reciprocidade com os mesmos. É de notar que cada pessoa quando nasce entra numa rede de relações e num enredo familiar que acarreta um sentido de continuidade na família e acrescentará novos elementos a esta.

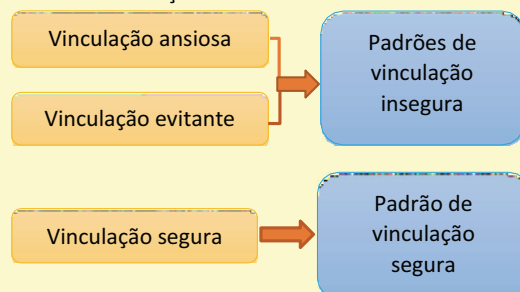
Uma vez que os Jovens se encontram fora do seu meio familiar, são os colaboradores, mais especificamente a **Equipa Educativa**, que constitui como um ponto de referência para estes.

Autores referem que os jovens institucionalizados confiam mais nos pares da instituição e nos seus colaboradores, do que nos pares do exterior. Além das já conhecidas importantes funções da Equipa Educativa, sendo esta a que mais acompanha os Jovens é a mais propícia a desenvolver relações mais próximas e até mesmo um **vínculo afetivo** com os Jovens.

3

O que é um vínculo afetivo?

Um vínculo afetivo corresponde a **uma ligação emocional** com uma outra pessoa, que acaba por se comportar como um ponto de referência. Todas as pessoas desenvolvem vínculos afetivos. Primeiramente são desenvolvidos com os seus cuidadores primários já desde bebés, normalmente com a mãe e o pai. Ao crescer desenvolvemos relações próximas com outros e eventualmente criamos vínculos com estes. Podendo ser com amigos(as), namorado(a) entre outros. Existem 3 tipos de vinculação, que acabam por se organizar em 2 padrões de vinculação.



4

Estudos de comparação com a população geral revelam que os **vínculos inseguros** e um **menor bem-estar subjetivo** são características persistentes em jovens institucionalizados. Daí a importância de investir numa boa relação com os Jovens, pois a falta de dependências saudáveis pode gerar dependências patológicas, como as drogas, violência, entre outras.

Como dito anteriormente, os vínculos desenvolvem-se primeiramente com os seus cuidadores primários, nomeadamente os pais. Como tal, deve-se ter em conta o meio familiar, porque o vínculo desenvolvido com estes vai-se refletir na vida dos Jovens e na interação que estes têm com o mundo. Considerando a **especificidade da história familiar e pessoal de cada Jovem** consegue-se ter uma maior noção dos seus comportamentos e da sua maneira de ser e relacionar com o mundo e outros.

Na Casa de Acolhimento, os Jovens têm uma chance de aprender a relacionar-se de um modo mais saudável e agradável. O desenvolvimento de uma relação próxima que seja determinante e os auxilie nesse sentido é mais propícia junto da Equipa Educativa, não impossibilitando outros colaboradores.

5

Façam a diferença!

Os Jovens encontram-se na adolescência. Esta é uma etapa do desenvolvimento, por si só, **confusa e de descoberta**, mas considerando a especificidade da história e condições de vida dos jovens institucionalizados o panorama relacional **complica-se**. A retirada dos Jovens do seu meio familiar para a casa de acolhimento implica uma interconexão entre o **privado e o público** que tem como protagonistas **diferentes atores sociais**. Pelo que o sentido de pertença nestes Jovens encontra-se ainda **mais incerto e perdido** do que num adolescente comum. A importância do trabalho realizado junto dos Jovens é muito relevante na vida deles!

São várias as relações ao longo da vida destes Jovens, mas são escassas aquelas com potencial para uma mudança positiva. As relações de namoro e de amizade são muitas vezes passageiras, acabando por não surtir o efeito desejado na vida dos Jovens. Ao contrário do que se verifica diante dos **colaboradores em instituições**, que se trata de relações constantes no tempo o que permite a criação de uma organização interna nos Jovens que leva ao desenvolvimento de **relações mais positivas de si e com os outros**.

6

Adolescência

Primeiro é importante ter um maior conhecimento sobre a fase da adolescência. A adolescência pode ser dividida em **3 fases**, tendo cada uma os seus próprios comportamentos.

A **primeira fase da adolescência** ocorre entre os 12 e os 14 anos. Este é um período onde as transformações físicas são mais visíveis e as diferenças entre rapazes e raparigas tornam-se mais nítidas. É uma etapa muito confusa, pois o jovem está a tentar compreender as alterações que vê em si. Pelo que, aqui começa a **construção da sua identidade** e desenvolve uma **sexualidade “privada”**, que deve ser integrada pelo adolescente e “explorada” em privacidade.

Além disso, o jovem começa a procurar definir os seus limites essenciais para a **construção da autonomia**, verificando-se um aumento da convivência e segredos com o grupo de amigos, isolando-se mais dos cuidadores. Tal suscita o aparecimento de comportamentos de algum desafio face aos cuidadores, o que é normal. Assim como a **experimentação de álcool e drogas** que não deverá ser levada com dramatismos, mas merece atenção.

7

Seguidamente, existe a **fase média da adolescência** que ocorre entre os 14 e os 16 anos. Esta é uma fase vivida pelos cuidadores com alguma dificuldade. Ela corresponde à adesão a **novos modelos de estilos de vida pelos jovens**, como a música, desporto... Os jovens encontram-se à procura da sua própria definição como seres únicos e por tal começam-se a verificar **esforços mais acentuados em busca da autonomia**. Estes esforços muitas vezes traduzem-se em manifestações de onipotência e na exigência de sair à noite, concertos, entre outros. O que pode levar a alguns atritos e dificuldades nos relacionamentos com os cuidadores, contudo podem manter **relações positivas com os cuidadores**.

Por fim, a **fase final da adolescência** corresponde às idades compreendidas entre os 17 e os 19 anos. Esta é uma etapa marcada pela **formação da personalidade**, definição de **valores**, interesse por **movimentos cívicos e culturais**, e a tentativa de **conquistar êxitos** nos campos de interesse do jovem. Aqui, ao contrário da primeira fase, normalmente, inicia-se a **sexualidade**, agora, partilhada. Também surgem **relacionamentos amorosos com alguma continuidade**.

8

Esta fase é principalmente marcada pela **conquista da autonomia e da identidade**, que tende a prolongar-se no tempo. Estas fases da adolescência devem ser interpretadas cuidadosamente, pois são apenas **indicações**, uma vez que a adolescência atual parece **prolongar-se devido a fatores externos**: as dificuldades económicas, prolongamento dos estudos, permanência na casa dos cuidadores que leva a comportamentos anteriormente referidos.

Com isto, percebe-se que a adolescência corresponde a uma etapa onde os indivíduos se centram na procura da sua **autonomia, identidade e pertença no mundo**. É uma etapa muito confusa e que requer muito apoio. Especialmente, porque em termos neurológicos, algumas zonas do **cérebro ainda não se encontram desenvolvidas**. Sendo umas destas zonas o córtex pré- frontal.

O **córtex pré-frontal** corresponde a uma área do cérebro que está responsável pela análise cognitiva e do pensamento abstrato, que permitem a organização de pensamentos e resolução de problemas.

9

Além disso, estudos comprovaram que na puberdade existe uma **ativação funcional de sistemas motivacionais e emocionais**. Aqui o cérebro encontra-se em **constante reorganização de sinapses** que vai permitir o desenvolvimento de **funções executivas e competências sociais**. Contudo, devido a esta reorganização, os jovens agem muito **emocionalmente** e impulsivamente, uma vez que ainda não conseguem processar bem o pensamento crítico. Para eles, pensar de forma crítica antes de fazer escolhas é uma tarefa difícil. Daí a importância de saber-se como **comunicar e relacionar** com os Jovens para que seja possível fazer uma diferença positiva na vida destes.

Na compreensão dos Jovens é necessário não esquecer **a importância do seu contexto e das suas vivências**. Deve ter-se em conta a especificidade da sua história familiar e pessoal, o percurso de interconexão entre o privado e o público, e a internet – redes sociais, que cada vez mais têm ganho um papel fundamental na vida dos Jovens. Desta forma é necessária uma **perspetiva global** para compreender os Jovens e posteriormente fazer a diferença nas suas vidas.

10

Como fazer a diferença?

Investindo na criação de uma relação de proximidade com os Jovens. Na criação de uma relação próxima positiva, é fundamental que o Jovem se sinta **seguro e aceite**. Só assim haverá a possibilidade de uma aproximação por parte do Jovem.

Como fazemos para que o Jovem se sinta seguro e aceite?

1 – Dar espaço para serem

Na adolescência, os jovens começam a explorar o mundo através dos seus grupos de amigos e isso implica **muita atenção**. Apesar de alguns destes amigos serem muitas vezes passageiros e não serem “verdadeiros”, representam um excelente cenário de aprendizagem de competências, de resolução de dificuldades, de autocontrolo e de manutenção da proximidade relacional. Como tal, é bom que os jovens experienciam tudo isto. Contudo, quando algumas destas relações nas quais os jovens investiram muito do seu tempo, se desmoronam ou os desiludem, eles necessitam de **alguém presente para os amparar e para os confortar**.

11

2 – Estar disponível

Muito mais do que estar disponível/presente é necessário validar as suas angústias e emoções. Necessitamos de validar aos Jovens que estamos presentes e disponíveis durante todo o seu percurso. Isto engloba estar principalmente **presente emocionalmente** para que eles possam ver a pessoa como uma **base segura** a quem podem recorrer.

3 – Ouvir

Muito do processo de estar disponível implica o saber ouvir. Os adolescentes comunicam muito através de **analogias** pois existe uma certa dificuldade em expressarem-se livremente. Uma outra maneira de expressão é o **silêncio**. O silêncio pode comunicar mais do que a fala e mesmo esse é necessário ouvir e requer atenção.

4 – Atividades em conjunto

Uma **simples conversa** sem se despersonalizar pondo os Jovens num patamar de certa igualdade em termos de comunicação, pode surtir efeitos muito positivos.

12

Atividades simples do dia-a-dia que possam fazer com os Jovens é uma excelente forma de se relacionarem e fortalecer ligações. Por exemplo, o simples ato de assistir televisão com os Jovens origina um certo elo que permitirá posteriormente comentar o que viram e fomentar a relação.

Mas serão as tecnologias (jogo, internet...) um obstáculo para a criação de relações?

Atualmente a tecnologia invadiu todas as nossas vidas. A televisão e a rádio já é algo inerente às nossas vidas. A internet, apesar de mais recente também o é, mas isto não significa que, apesar de muitas vezes os Jovens se resguardarem nestas atividades tantas vezes passivas, não se possa **fomentar a relação com recurso a estas**.

No entanto, há que ter alguma atenção para entender a interação da tecnologia, nomeadamente a internet, nas vidas destes Jovens.

13

Internet

A internet possibilita a diminuição das distâncias entre pessoas dando uma oportunidade de obter **apoio social e interagir com outros**, especialmente aos jovens com maior dificuldade de se relacionarem e com baixa autoestima. Estes jovens apoiam-se na internet, focando-se nas redes sociais e jogos, à procura de um **sentimento de pertença**.

Na adolescência os jovens encontram-se a construir a sua própria identidade, necessitando de um olhar atento sobre as suas interações. Uma vez que a internet vem possibilitar uma oportunidade de inventar identidades paralelas à realidade, criando aqui um fator de risco. Sendo por isso necessário **clarificar valores fundamentais** (ex. a empatia, tolerância, gentileza, respeito...), **promover diálogos francos e frequentes, promover a partilha consciente de conteúdo** e, acima de tudo, **respeitar a privacidade e reforçar a confiança**.

A internet pode se comportar como uma **dependência patológica**, como já foi referido, os jovens apoiam-se nestas na falta de dependências saudáveis, ou seja, na falta de relações significativas seguras.

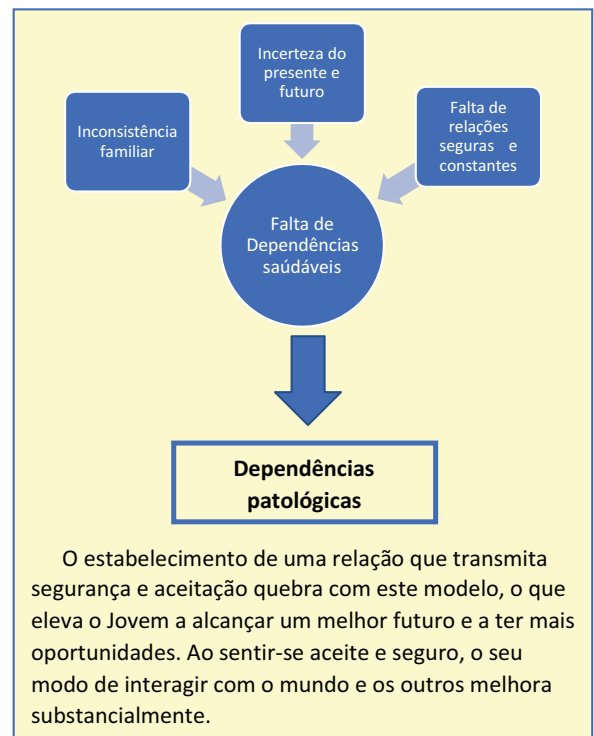
14

Constatando-se, mais uma vez, a importância de investir na criação de uma relação de proximidade maior com estes Jovens que os façam sentir seguros.

Então o uso de tecnologias é o mesmo que dependências patológicas?

Não. As dependências patológicas podem ser diversas, desde tecnologia, drogas, violência, comida... O que as torna dependências patológicas é o seu uso indevido. No ramo das tecnologias, sendo esta muito presente no nosso mundo, por vezes podemos confundir um uso normal com um uso excessivo, contudo não se deve precipitar neste sentido. Para evitar que haja dependências patológicas é necessário **gerar dependências saudáveis**. Sendo importante reafirmar que as dependências patológicas são uma **consequência**, como ilustrado no gráfico.

15



16

Conclusão

Criar uma relação com indivíduos que não partilham as mesmas experiências de vida que nós, é desafiante. Contudo, se nos focarmos em melhorar o presente, poderemos originar novas experiências com essas pessoas e **criar uma relação positivamente produtiva**. Isto sem nunca desvalorizar o seu passado, transmitindo segurança e validando as suas emoções e angústias.

Os adolescentes, em especial os jovens institucionalizados, têm a reputação de serem difíceis. Ao **aprender a linguagem dos jovens** e ao ouvir o que eles realmente comunicam, e não aquilo que eles apenas querem comunicar, entendemos que existe a **necessidade de conforto e de se relacionarem**. O papel das figuras mais próximas dos Jovens é muito importante para que estes encarem positivamente o mundo, os outros e as adversidades ao longo do caminho.

Relacionar implica partilha e os jovens necessitam da **segurança** que os permitam perceber que partilhar não implica perder algo, mas sim **ganhar, evoluir e ser feliz**.

17

Referências bibliográficas:

- Andolfi, M., & Mascellani, A. (2012) *Historias de la Adolescencia: Experiencias en terapia familiar*. Editorial Gedisa.
- Barbosa, M. R., Matos, P. M., & Costa, M. E. (2011) Um olhar sobre o corpo: O corpo ontem e hoje. *Psicologia & Sociedade*; 23 (1), 24-34
- Delgado, P., Carvalho, J. M. S., & Correia, F. (2019). Viver em acolhimento familiar ou residencial: O bem-estar subjetivo de adolescentes em Portugal. *Psicoperspectivas*, 18(2), 86-97. doi: 10.5027/psicoperspectivas-vol18-issue2-fulltext-1605
- Figueira, M. L., Sampaio, D., & Afonso, P. (2015) *Manual de Psiquiatria Clínica*. Lidel : Edições Técnicas.
- Lemos, S. C. A., Gechele, H. H. L., & Andrade, J. V. (2017). Os Vínculos Afetivos no Contexto de Acolhimento Institucional: Um Estudo de Campo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 33 (3334), 1-10. Doi: 10.1590/0102.3772e3334
- Lira, J., Pereira, M. K. S., & Fell, A. F. A. (2017). A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros. *Navus*, 7(2), 124-129. doi: 10.22279/navus.2017.v7n2.p124-129.512
- Lopes, A. L., & Cruz, J. Z. (2015). Bem-estar de jovens institucionalizados: do dizer de profissionais à intervenção de aceitação e comprometimento.
- Mota, C. P., & Matos, P. M. (2010). Adolescentes institucionalizados: O papel das figuras significativas na predição da assertividade, empatia e autocontrolo. *Análise Psicológica*, 28(2), 245-254.
- Ordem dos Psicólogos Portugueses (2020). *Recomendações para Pais, Cuidadores e Professores*. Retrieved from: https://www.ordemdospsicologos.pt/.../covid_19_cyberbullying_pais.pdf
- Raguso, F. (2015) *Adolescência e Família: construindo complexidade. Dos riscos à criminalidade*, 63.
- Raguso, F. (in press) O lugar da família na intervenção nas dependências. In Dias, P. (ed.) *Velhas e novas dependências*.
- Romagnoli, V., Gomes, R. & Cariato, A. (2016) Adolescentes na contemporaneidade: desdobramentos subjetivos do (des)investimento no virtual. *Contextos Clínicos*, 9(1), 133-146. doi: 10.4013/ctc.2016.9.1.12
- Soares, M. L. C., Russo, M. T., Chirinhos, M. P., & Quiroga, M. F. (2006) *Expressões do corpo*. Porto, Portugal: Fundação Eng. António de Almeida.

18

Anexo O – Powerpoint da Ação de Formação



Objetivos:

- Sensibilizar para o impacto das **relações**, da **comunicação** e a tendência para o **uso das tecnologias**
- Esclarecer a importância do papel dos educadores na vida dos Jovens;
- Sensibilizar para o impacto e a importância de uma boa comunicação e relação junto dos Jovens;
- Promover a importância do reconhecimento do meio familiar de cada Jovem;
- Incentivar à criação de relações próximas positivas;
- Apresentar e esclarecer o conceito de **dependências patológicas**, nomeadamente as tecnológicas;
- Dar a conhecer a **conexão** entre a vinculação e as dependências patológicas;

Porquê?

- A relação com outros é um dos fatores que mais afeta a vida de uma pessoa.

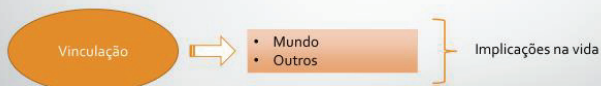
A falta de condições ideais para o desenvolvimento do Jovem → Casa de Acolhimento

- Fora do seu meio familiar;
- Procuram a sua pertença no mundo;
- Uma oportunidade de melhorar as suas vidas

Estudos de comparação com a população geral revelam que os **vínculos inseguros** e um **menor bem-estar subjetivo** são características persistentes em jovens institucionalizados.

O que é vinculação?

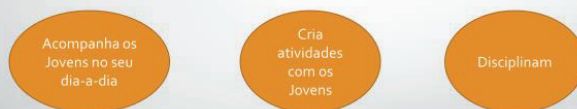
Um vínculo afetivo corresponde a **uma ligação emocional** com uma outra pessoa, que acaba por se comportar como um ponto de referência.



Dependências saudáveis para evitar que recorram a dependências patológicas

Porquê a Equipa Educativa?

Lopes e Cruz (2015) afirmam haver uma tendência para os jovens institucionalizados confiarem mais nos seus pares da instituição e os seus **colaboradores**, do que nos pares no exterior.



O desenvolvimento de uma relação próxima que seja determinante na vida dos Jovens é **mais propícia** junto da Equipa Educativa

Adolescência

Primeira fase da adolescência (12-14 anos)



- Construção da identidade
- Definição de limites essenciais para a construção da autonomia
- Primeiras experimentações com álcool e drogas
- Sexualidade "privada"

Fase média da adolescência (14-16 anos)



- Os estilos de vida dos Jovens mostram a adesão a novos modelos
- Os esforços pela autonomia acentuam-se

Adolescência

Fase final da adolescência
(17-19 anos)



- Formação da personalidade
- Definição de valores
- Ligação a movimentos cívicos e culturais
- Tentativa de conquistar êxitos nos campos de interesse
- Inicia a sua vida sexual (partilhada)
- Primeiras relações amorosas com alguma continuidade

Adolescência

A adolescência geralmente centra-se nas tarefas de encontrar a sua **autonomia, identidade e sentimento de pertença no mundo.**

O pré-frontal ainda se encontra em desenvolvimento



Ativação funcional de sistemas motivacionais e emocionais



Difícil pensar criticamente antes de fazer escolhas.

Jovens

Além desta visão mais biológica e neurológica, não podemos esquecer a importância do contexto onde o jovem se insere, tendo em conta a:

- ❑ Especificidade da sua história familiar e pessoal
- ❑ Interconexão entre o privado e o público – diferentes atores sociais
- ❑ Internet – redes sociais

Como fazer a diferença?

- Relação próxima com os Jovens que os façam sentir **seguros e aceites**.

1 – Dar espaço para serem

- Grupo de amigos representa um **excelente cenário de aprendizagem de competências**, de resolução de dificuldades, de autocontrolo e de manutenção da proximidade relacional.

2 – Estar disponível

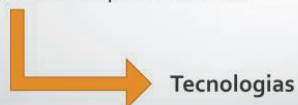
- **Validar** as angústias e emoções dos Jovens. É necessário estar **presente emocionalmente**.

3 – Ouvir

- Os jovens comunicam muito por **analogias**.
- O **silêncio** também deve ser ouvido.

4 – Atividades em conjunto

- Conversar sem despersonalizar, fomentando o diálogo ao mesmo nível.
- Atividades simples do dia-a-dia.



Tecnologias

Entender a interação da tecnologia, em especial a Internet, na vida dos jovens.

Internet

- Diminuir distâncias entre pessoas
- Oportunidade de obter **apoio social** e **interagir com outros**



Sentimento de pertença

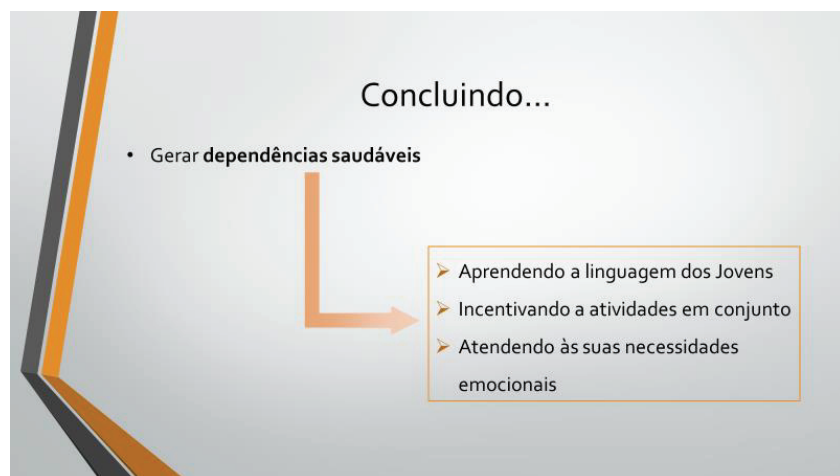
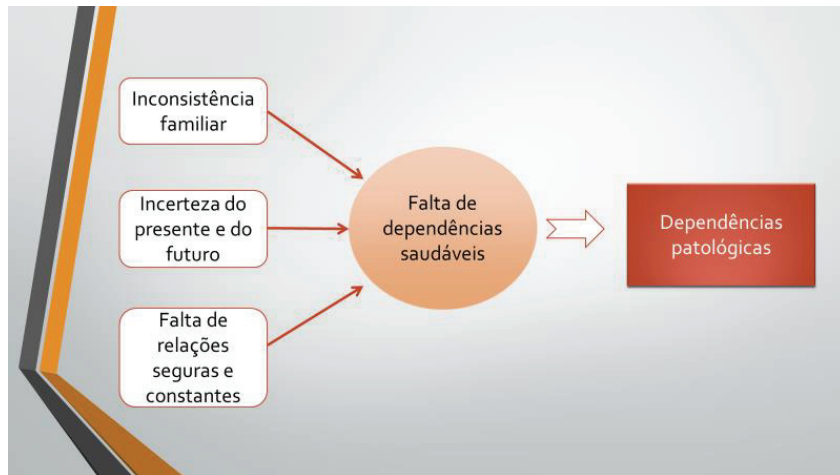
- Oportunidade de **inventar identidades** paralelas à realidade

Sendo por isso necessário:

- Clarificar valores fundamentais (empatia, respeito, gentileza...)
- Promover diálogos francos e frequentes
- Promover a partilha consciente de conteúdo
- Respeitar a privacidade e reforçar a confiança

Tecnologias ≠ Dependências Patológicas





Relacionar implica partilha e os jovens necessitam da **segurança** que os permitam perceber que partilhar não implica perder algo, mas sim **ganhar, evoluir e ser feliz.**

Anexo P – Questionário de Avaliação da Ação de Formação

Este questionário pretende medir o grau de satisfação da Ação de Formação – “**Relaciona-te**”. O presente formulário é anónimo e todas as informações aqui apresentadas serão confidenciais. Apela-se para a honestidade no preenchimento do mesmo.

Apreciação Global da Ação					
	Nada satisfeito	Pouco satisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito	Bastante satisfeito
Ficou satisfeito com a ação?					
Ficou satisfeito com a duração da ação?					
Achou relevantes os conteúdos apresentados?					
Considera que ganhou novos conhecimentos?					
Achou útil para o seu trabalho?					

Apreciação Global do Dinamizador/Formador					
	Nada satisfeito	Pouco satisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito	Bastante satisfeito
Pontualidade					
Clareza na apresentação do tema					
Conhecimento dos temas abordados					
Disponibilidade para esclarecer dúvidas					
Apreciação global do formador/dinamizador					

Apreciação Global da Organização da Ação					
	Nada satisfeito	Pouco satisfeito	Satisfeito	Muito satisfeito	Bastante satisfeito
Documentação fornecida					
Equipamentos de apoio (power point)					

Sugestões/Comentários (opcional):

Muito obrigada pela colaboração!